ARQUEOLOGIA IBEROAMERICANA
Número 6 • Abril-Junio 2010 • ISSN 1989-4104





SUMARIO/*Contents*

Revista científica trimestral de acceso abierto
http://www.laiesken.net/arqueologia/
Editor/Director: Dr. Pascual Izquierdo Egea

Correo: http://www.laiesken.net/arqueologia/contacto/. Impresa digitalmente en España.

ARQUEOLOGIA IBEROAMERICANA

Número 6 • Abril-Junio 2010 • ISSN 1989-4104

http://www.laiesken.net/arqueologia/

Revista científica trimestral de acceso abierto distribuida a través de Internet en formato electrónico PDF. *Online open access journal published quarterly in PDF electronic format.* ISSN 1989-4104. Tít. abreviado: *Arqueol. Iberoam.* Indexada en (*indexed in the*) *Directory of Open Journals* (DOAJ), LATINDEX, e-revistas, DICE, ISOC-Arqueología y Revistas de Ciencias Sociales y Humanidades del Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC).

© ARQUEOLOGIA IBEROAMERICANA 6 (2010), 3–23. ISSN 1989–4104. <http://www.laiesken.net/arqueologia/>

ENTENDENDO A DINÂMICA CULTURAL EM XINGÓ NA PERSPECTIVA INTER SÍTIOS: INDÚSTRIAS LÍTICAS E OS LUGARES PERSISTENTES NO BAIXO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO, NORDESTE DO BRASIL

Marcelo Fagundes

Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Minas Gerais, Brasil

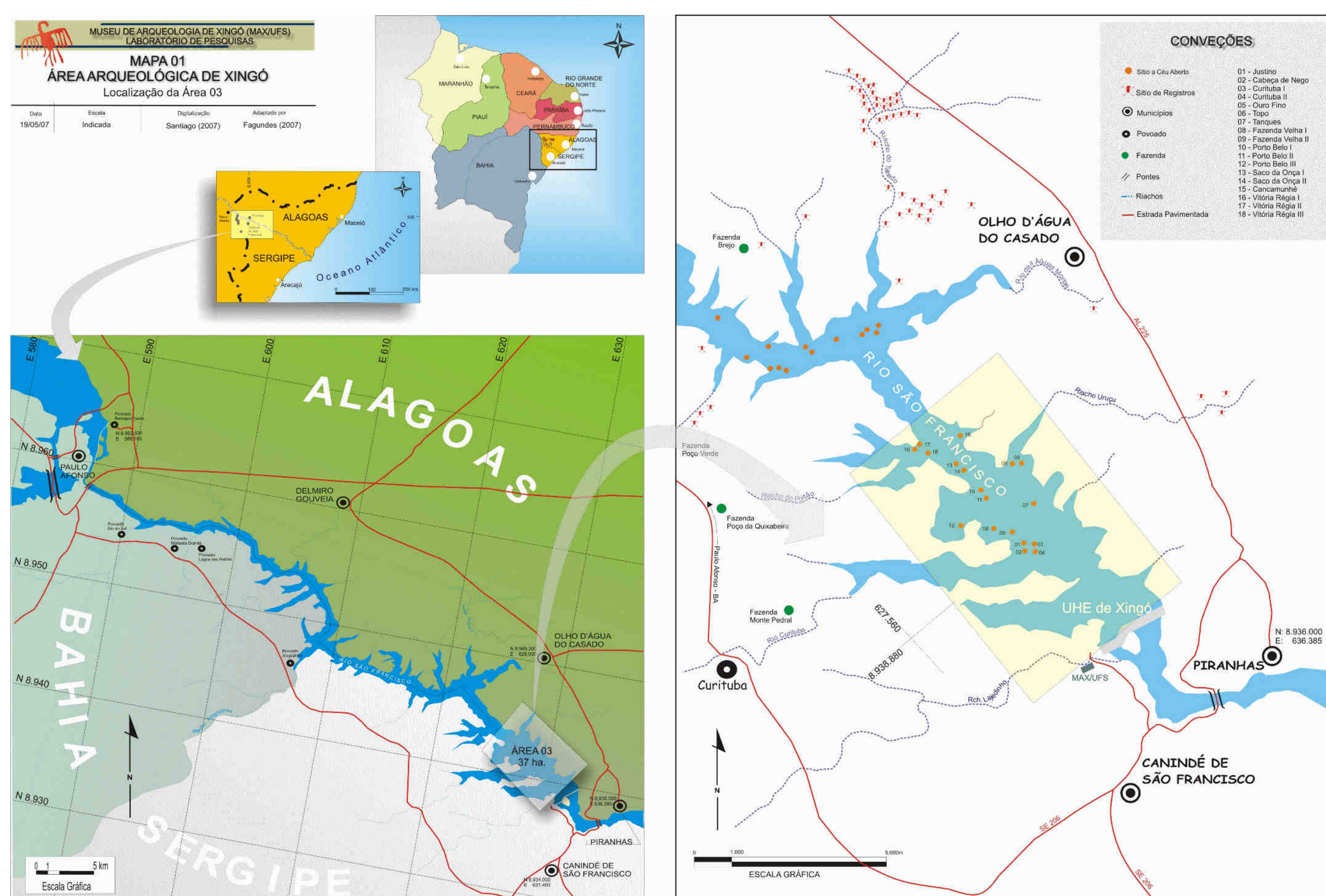


Fig. 1. Mapa 01: área arqueológica de Xingó.

RESUMO. *O presente artigo tem como objetivo apresentar parte dos resultados da tese de doutoramento acerca da dinâmica cultural evidenciada em dezesseis sítios arqueológicos localizados na Área 03 de Xingó, baixo vale do rio São Francisco, Brasil. Assim, apresentaremos os dados obtidos da pesquisa empírica da organização tecnológica de conjuntos líticos e como foi possível, por meio desses resultados, inferir sobre questões acerca da distribuição espacial dos sítios arqueológicos e suas possíveis inter-relações de forma a indicar um modelo de uso da paisagem à compreensão do sistema regional de assentamento em terraços do baixo vale do rio São Francisco.*

PALAVRAS-CHAVE: *dinâmica cultural, conjuntos líticos, relações inter sítios.*

Recebido: *26-3-2010.* ***Alterado***: *11-5-2010.* ***Aceito***: *28-5-2010.*

TÍTULO: *Entendiendo la dinámica cultural en Xingó en la perspectiva inter-sitios: industrias líticas y los luga-*

Quadro 1. Datações do sítio Justino.

DE	PR	MÉTODO	LABORATÓRIO	CRONOLOGIA
03	40 cm	C14	Inst. Radiocarbônico da Universidade de Lyon, França	1280 ± 45 AP
06	60 cm	C14	Inst. Radiocarbônico da Universidade de Lyon, França	1780 ± 60 AP
08	90 cm	C14	Instituto de Geociências da UFBA	2530 ± 70 AP
10	1,10 m	C14	Instituto de Geociências da UFBA	2650 ± 150 AP
13	1,40 m	C14	Inst. Radiocarbônico da Universidade de Lyon, França	3270 ± 135AP
20	2,10 m	C14	Beta Analytic, USA	4790 ± 80 AP
30	3,10 m	C14	Beta Analytic, USA	5570 ± 70 AP
40	4,10 m	C14	Beta Analytic, USA	8950 ± 70 AP
04	0,50 m	TL	LabDat/UFS	2191 ± 276 AP
08	0,90 m	TL	Instituto de Geociências da UFS	1800 ± 150 AP
08	0,90 m	AD	LabDat/UFS	2010 ± 430AP
10	1,10 m	AD	LabDat/UFS	2700 ± 620 AP
10	1,10 m	TL	Instituto de Geociências da UFS	2050 ± 140 AP
13	1,40 m	PD	LabDat/UFS	4310 ± 800 AP
15	1,60 m	TL	LabDat/UFS	3865 ± 398 AP
20	2,10 m	TL	Instituto de Geociências da UFS	4496 ± 225 AP
20	2,10 m	AD	LabDat/UFS	5500 ± 980 AP

Legenda: DE (decapagem), PR (profundidade, base da estrutura datada, fogueira), C14 (Carbono 14), TL (termoluminescência), AD (Dose aditiva), PD (pré-dose). Fontes: Vergne (2004), Santos e Munita (2007).

res persistentes en el bajo valle del río São Francisco, Nordeste del Brasil.

***RESUMEN**. Este artículo tiene como objetivo presentar parte de los resultados de mi tesis de doctorado sobre la dinámica cultural evidenciada en dieciséis sitios arqueológicos ubicados en el Área 03 de Xingó, bajo valle del río São Francisco, Brasil. Por lo tanto, se presentarán los datos obtenidos de la investigación empírica de la organización tecnológica de conjuntos líticos para inferir, por medio de esos resultados, aspectos sobre la distribución espacial de los sitios arqueológicos y sus posibles interrelaciones, buscando generar un modelo de uso del paisaje para la comprensión del sistema regional de asentamiento en bancales del bajo valle del río São Francisco.*

***PALABRAS CLAVE**: dinámica cultural, conjunto líticos, relaciones inter-sitios.*

***TITLE**: Understanding cultural dynamics in Xingó from an intersite perspective: lithic industries and persistent places in the São Francisco river low valley, Northeastern Brazil.*

***ABSTRACT**. This paper presents part of the results of my doctoral thesis on the cultural dynamics of sixteen archaeological sites situated in Area 03 in Xingó, São Francisco river valley, Brazil. Empirical data are presented that demonstrate the technological organization of the lithic industries at the sites. Then, through these data, it is shown what we can infer about the archaeological sites' spatial distribution and interrelationship. These inferences are used to indicate a model of landscape use that can be used to understand the regional system of distribution and placement of archaeological sites*

***KEYWORDS**: cultural dynamics, lithic artifacts, intersite analysis.*

INTRODUÇÃO

Esse artigo apresenta parte dos dados obtidos na pesquisa que resultou na redação de nossa tese de doutoramento (Fagundes 2007), que teve como intenção a compreensão da dinâmica cultural por meio da análise inter sítios dos dezesseis assentamentos componentes do que se denominou Área Arqueológica 03 de Xingó.

Assim, por meio da sistematização dos dados estatístico-comparativos das indústrias líticas e análise contextual dos demais remanescentes evidenciados nos solos de ocupações dos sítios em estudo; buscávamos compreender as escolhas/estratégias envolvidas na concepção, manufatura, uso e descarte dos conjuntos artefatuais, de modo a indicar se havia ou não similaridades na organização tecnológica em termos sincrônicos e diacrônicos (no tempo e no espaço). Para tanto era essencial a realização de reflexões dessas similaridades e possíveis diferenças em relação aos fenômenos observados para compreender, interpretar e, quiçá, explanar acerca da dinâmica cultural na pré-história de Xingó.

A discussão que será apresentada nesse artigo destaca o processo de dinâmica cultural nesses dezesseis sítios

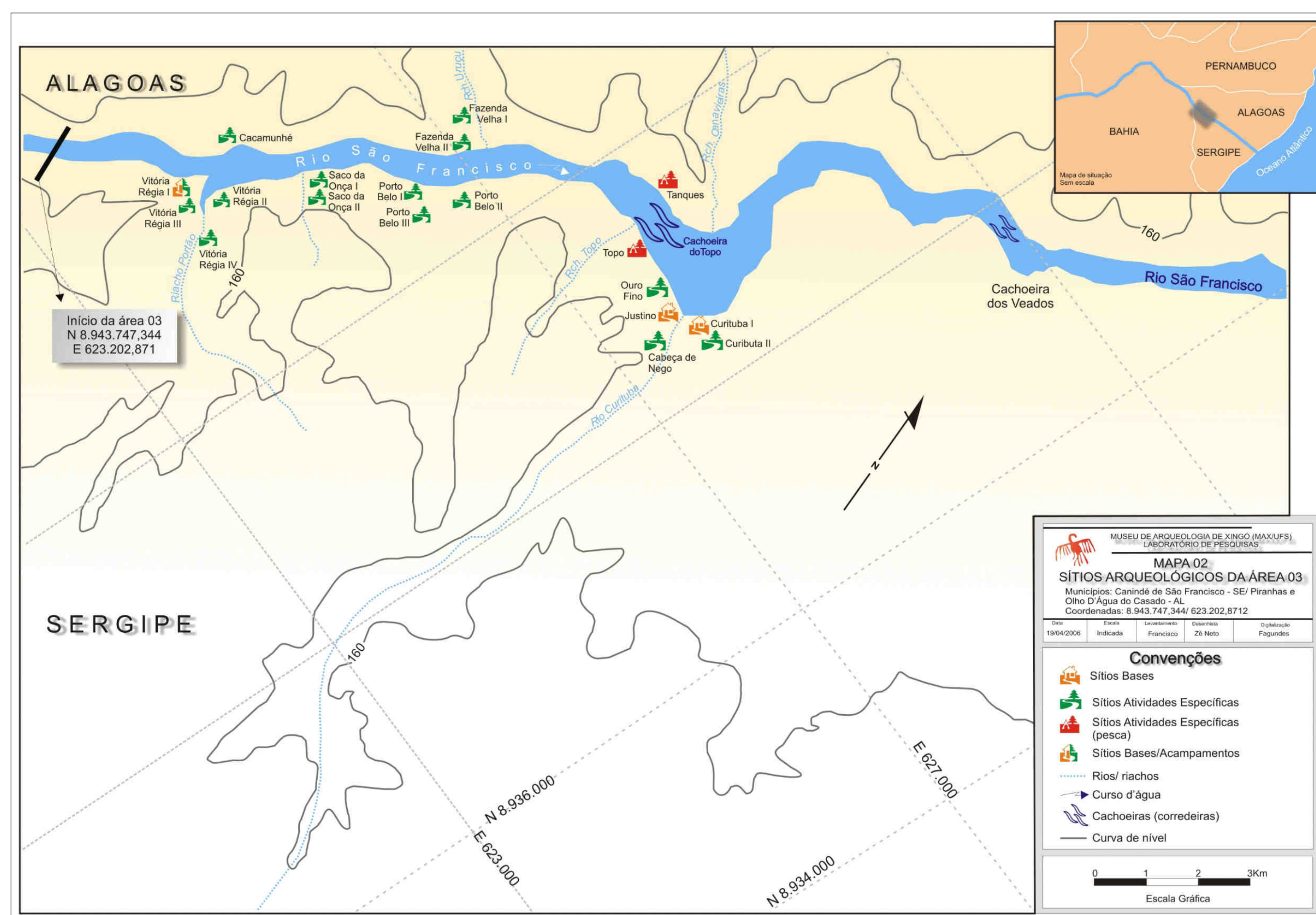


Fig. 2. Mapa 02: sítios arqueológicos da Área 03 de Xingó.

localizados no baixo vale do rio São Francisco, na divisa entre os estados de Alagoas e Sergipe, nordeste do Brasil. Para tanto, tivemos como base empírica as análises: das indústrias líticas componentes; distribuição espacial do registro arqueológico e processos formativos; a paisagem em seus aspectos regionais, bem como suas inter-relações com os assentamentos estudados.

Cabe ressaltar, que todos foram assentamentos escavados no âmbito da arqueologia de salvamento (ou contrato/preventiva) empreendida durante a construção da UHE-Xingó nas décadas de 1980 e 1990. Ambos são sítios de terraços localizados na Área 03 de Xingó, onde, segundo análises, diferentes atividades sociais estavam sendo efetuadas em um espaço temporal de cerca de 9 mil anos A. P. (quadro 1).

ÁREA 03 DE XINGÓ, BAIXO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO

Para melhor andamento das pesquisas arqueológicas em Xingó, a equipe responsável pelos trabalhos subdividiu a região a montante da UHE-Xingó[1] em três áreas distintas de atuação conforme concentração de sítios evidenciados pelas prospecções sistemáticas e subseqüente sondagens (figs. 1 e 2).

Um exame minucioso do material cartográfico demonstrou, entretanto, que estas concentrações apresentam algumas características recorrentes que, sob nosso olhar, dizem respeito a padrões em função de diversificados fatores de ordem social, econômica, estratégica e cultural, atuando na paisagem na perspectiva descrita por Morais (2000) e Schlanger (1992). Estas recorrências, por sua vez, puderam indicar as características básicas do sistema de assentamento da área, como discutiremos adiante (Binford 1982).

Esse artigo, entretanto, analisará os padrões de uma das áreas acima listadas: a Área 03. A escolha se alicerçou no princípio em que analisando minuciosamente as características da mesma – partindo da hipótese de redundância do registro arqueológico (Gamble 2001) –, poderemos estabelecer hipóteses que fundamentariam, de

[1] UHE, usina hidrelétrica. A UHE-Xingó está localizada no baixo vale do rio São Francisco, região nordeste do Brasil, entre os estados de Sergipe e Alagoas.

Quadro 2. Dados gerais sobre os sítios da Área 03.

NS	C N	CE	A (m)	AE (m^2)	VL	VC	EC	DMA
Vitória Régia I	8.942.160,215	624.280,193	8,24	128	83	1678	02	2240 ± 389 (TL – camada 06)
Vitória Régia II	8.942.000,091	624.720,420	8,24	74	23	608	02	Sem datação
Vitória Régia III	8.942.200,730	624.000,195	8,24	84	10	33	—	Sem datação
Saco da Onça I	8.941.800,125	625.480,420	5,40	72	32	302	—	1491 ± 210 (TL – camada 06)
Saco da Onça II	8.941.520,822	625.600,644	7,80	44	17	38	01	Sem datação
Porto Belo I	8.940.680,010	626.800,381	7,24	38	29	455	02	2003 ± 195 (TL – camada 09)
Porto Belo II	8.941.000,730	626.260,230	7,24	126	54	385	01	Sem datação
Ouro Fino	8.939.300,450	627.600,550	7,22	64	08	267	—	Sem datação
Cabeça de Nego	8.938.400,480	627.360,730	13,70	42	176	04	01	Sem datação
Faz Velha I	8.941.800,715	626.920,019	15,18	36	19	92	01	Sem datação
Faz Velha II	8.941.730,520	626.720,803	10,20	26	09	—	01	Sem datação
Topo	8.939.800,610	627.240,805	5,0	96	156	254	—	Sem datação
Curituba I	8.938.600,220	628.000,430	4,90	126	549	1575	—	1588 ± 140 (TL, camada 09)
Curituba II	8.938.300,190	628.040,720	9,27	80	62	63	—	Sem datação
Tanques	8.940.600,110	628.000,445	7,0	68	11	178	05	Sem datação
Justino	8.938.880,360	627.560,186	6,80	1265	5673	14473	27	8950 ± 70 (C14, decapagem 40)
TS = 16	—	—	—	**2369**	**6911**	**20412**	**43**	**8950 ± 70 (C14, Justino)**

Legenda: NS (nome do sítio), CN (coordenadas N), A (altura dos terraços), AE (área escavada ou sondada dos sítios), VL(vestígios líticos), VC (vestígios cerâmicos), EC (estruturas combustão), DMA (datação mais antiga).

modo geral, um padrão de ocupação da paisagem e um modelo locacional de uso dos terraços em todo baixo São Francisco, partindo do pressuposto que aspectos de ordem cultural, sócio-histórica, política, econômica, simbólica etc., influenciaram (e definiram) de maneira singular a apropriação do meio natural e social dos grupos pré-históricos que ocuparam a área (Fagundes 2009).

A Área 03 ocupa um total de 3.760 ha (37,60 km^2), coordenadas N 8.943.747,344/E 623.202,871 e N 8.937.570,205/E 630.600,191; entre os municípios de Canindé de São Francisco, Sergipe; Olho D'Água do Casado e Piranhas, Alagoas (fig. 2 e quadro 2).

O SÍTIO JUSTINO: MODELO GRAVITACIONAL

Desses dezesseis assentamentos que perfazem a Área 03 de Xingó, o único completamente escavado (totalidade tridimensional), foi o Justino, sendo os demais sondados (fig. 3). É importante destacar que as sondagens realizadas nos demais sítios estão representadas por amplas trincheiras com no mínimo 36 m^2 de verificação, sempre dispostas em toda a área do terraço e atingindo o embasamento rochoso ou lençol d'água, portanto, amostragem extremamente significativa (fig. 4).

De qualquer forma, o sítio Justino foi o assentamento com maior intervenção arqueológica da região de Xingó, já que o terraço que estava localizado foi completamente escavado em relação ao espaço e profundidade, atingindo o embasamento rochoso. Tal procedimento efetivou-se, sobretudo, após a evidenciação de uma série de esqueletos humanos geralmente associados a um rico enxoval funerário que, no final da escavação, totalizou 167 sepultamentos com presença de 185 esqueletos (fig. 5).

O sítio estava localizado na fazenda Cabeça de Nego, município de Canindé de São Francisco, na margem direita do rio São Francisco, na confluência de um riacho, coordenadas N 8.938.881/E 627.561. Sua área total era de aproximadamente 1.500 m^2, com altitude média de 37 metros em relação ao nível do mar, onde foram escavados 1.265 m^2 (Vergne 2004). Foi escavado pelo método de superfícies amplas (Leroi-Gourhan 1950), sendo que todas as estruturas e distribuição espacial dos remanescentes foram devidamente mapeadas in loco; condição que nos possibilitou analisar e interpretar a cultura material e estruturas em contextos significativos, mesmo mediante as possíveis percolações.

Os procedimentos metodológicos para escavação foram: limpeza de toda a superfície do terraço, com coleta sistemática de superfície; realização das curvas de nível do terreno; quadriculamento em 05 x 05 m; utilização do sistema alfa-numérico para nomeação das quadrículas; retirada da camada de superfície (limpeza), com profundidade máxima de 10 cm; e a escavação, que atingiu uma profundidade média de 6,40 m (fig. 5). Além disso, o Justino é o único na Área 03 com um quadro de datações definidas, que segue entre 8950 ± 70 AP e 1280 ± 45 AP (quadro 1).

Sobre a formação geológica onde estava assentado o sítio Justinho, conforme Dominguez e Britcha (1997); estava associada à descida de sedimentos dos altiplanos semi-áridos, sobretudo através do riacho Curituba, formando deposições sedimentares de características del-

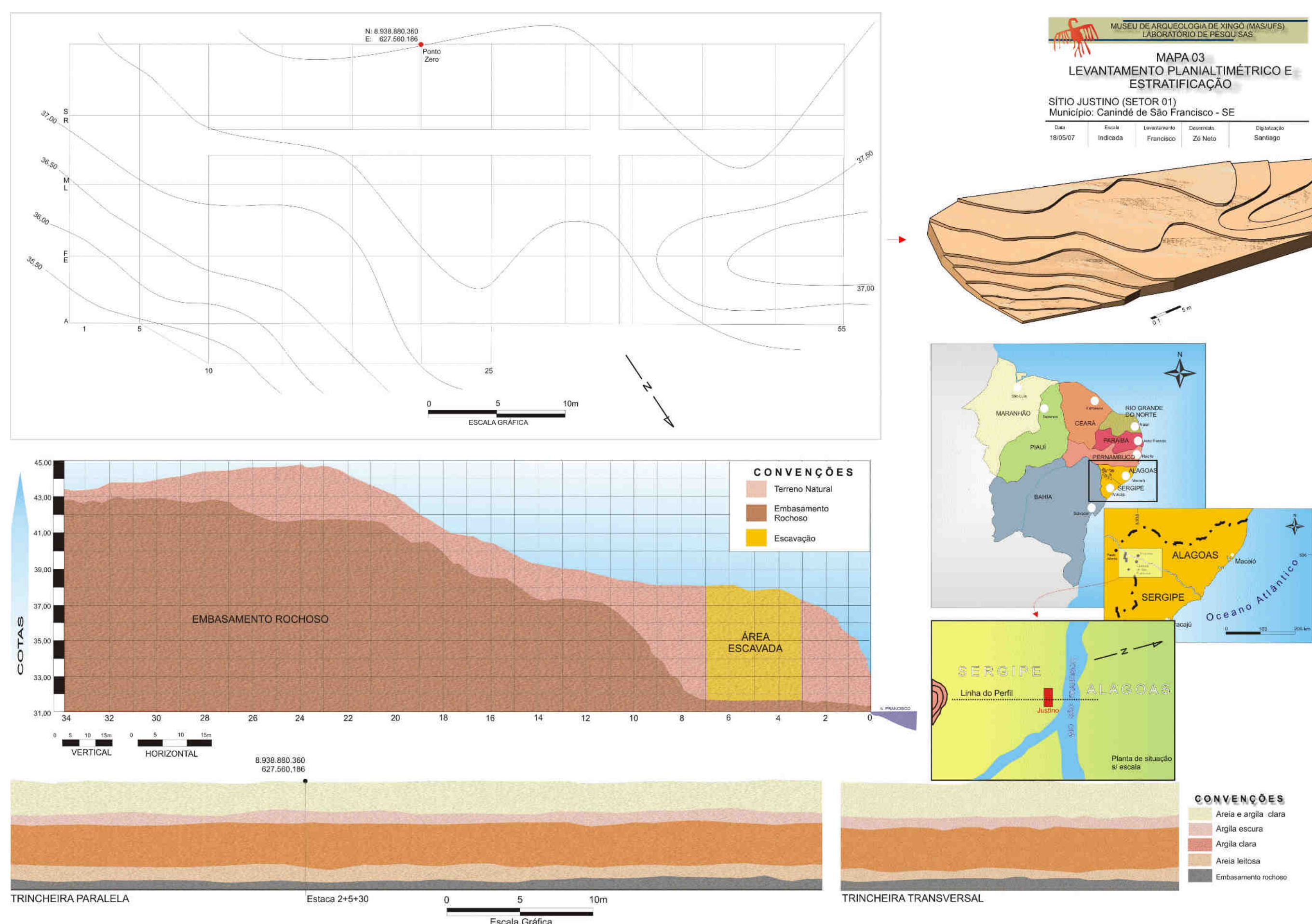


Fig. 3. Mapa 03: levantamento planialtimétrico e estratificação do sítio Justino.

taicas, com ocorrência de camadas aluvionares que apresentavam espessuras variáveis, constituídas por areia fina ou grossa, seixos, siltes e argilas. Além disso, deve-se citar o papel das cheias do rio São Francisco para a deposição de sedimentos neste terraço.

Essa formação do terraço tornou-se uma informação extremamente importante para as pesquisas, dada a grande complexidade que envolve a compreensão das sessenta e quatro decapagens escavadas (equivalentes a aproximadamente 5,80/6,00-6,20/6,40 m de profundidade), que transformou o Justino em um *sítio de estratificação complexa* (senão complicada). Assim sendo, dadas estas particularidades, utilizamos com parâmetros as informações de paleoambiente (Dominguez e Britcha 1997) e da ritualidade funerária (Vergne 2004), para delimitação de nossas análises espaço-temporais sobre esse sítio.

Em vista desta impossibilidade de observação macroscópica da estratificação, foram convidados os professores da Universidade Federal da Bahia, Dr. José Maria Dominguez e Dr. Arno Britcha, para a realização dos análises de sedimentologia (e paleoambiente), que resultaram em informações de suma importância à compreensão da estratificação do sítio. Nas palavras dos autores:

"Embora na maioria dos terraços os sedimentos se apresentem com aspecto maciço, em algumas trincheiras foi possível encontrar estruturas sedimentais muito bem preservadas, com predomínio de marcas de ondulação do tipo cavalgante, organizadas em sets com espessura máxima em torno de 40 cm, e com o ângulo de cavalgamento em direção ao topo Mesmo naqueles terraços em que os sedimentos apresentam aspecto maciço foi possível se diferenciar níveis de coloração mais escura, ricos em matéria, que pode tratar-se de paleossolos. A espessura média das camadas, para ambas as situações descritas acima, varia de 40 a 70 cm. Nas porções dos terraços próximas às paredes do *canyon* são encontrados níveis de grânulos e seixos muito angulosos e mal-selecionados, cuja composição é semelhante à das litologias que compõem as paredes do *canyon* no local" (Dominguez e Brichta 1997: 06).

Foi nesse contexto que estabelecemos as cinco fases distintas de ocupação do sítio obtidas por meio da distribuição espaço-temporal dos remanescentes culturais e aliadas às associações e estruturas no solo ocupacional do referido sítio arqueológico; pudemos perceber que a análise dos processos formativos vai de encontro com as

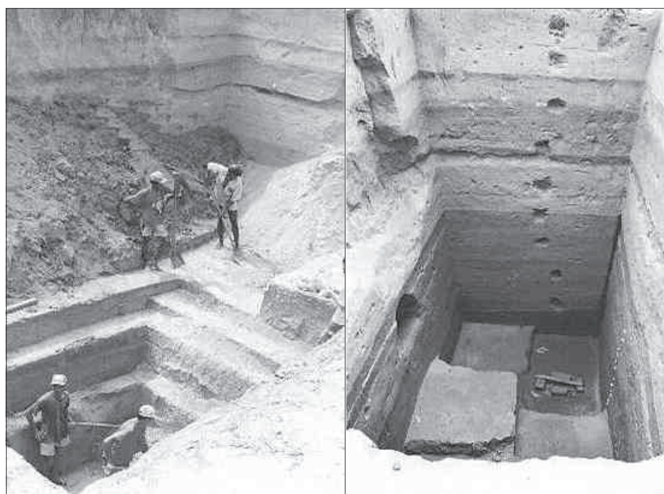


Fig. 4. Estratificação em profundidade do sítio Justino. Acervo do MAX/ 1994.

conjecturas de Dominguez e Britcha (1997: 06), com concentração destes remanescentes em faixas entre 40 e 70/80 cm de espessura (Fagundes 2010).

Assim sendo, tendo como suporte os trabalhos sobre paleoambiente, sobretudo de Ab'Saber (1997, 2002) e Dominguez e Britcha (1997); acerca da ritualidade (Vergne 2004); da bioantropologia (Carvalho 2006), da análise da cultura material cerâmica (Luna 2001), dos resultados laboratoriais da organização tecnológica aqui estudada com base nas leituras teórico-metodológicas e conceituais citadas ao longo do texto; formação e uso de sítios arqueológicos (Schiffer 1983, 1987); traçamos um modelo sobre a ocupação espaço-temporal (análise intra sítio) do sítio Justino e, a partir daí, inferirmos sobre a variabilidade espacial e relacional (análise inter sítios), para compreensão do sistema regional de assentamento em terraços.

Compreendemos o sítio Justino por *Fases de Ocupação*, uma vez que o estudo do material cartográfico do sítio vai de encontro com os resultados das análises sedimentológicas, visto que: "Estes níveis de paleossolo constituem assim um referencial natural para se amarrar os níveis de decapagem nos sítios e, concomitante, estabelecimento dos episódios de ocupação inferidos a partir dos trabalhos de decapagem, que apresentem espessura inferior a 40 cm, não tem qualquer significado prático" (Dominguez e Britcha 1997: 18).

Logo, os *episódios ocupacionais* do sítio Justino foram pensados (e guiados) não exclusivamente pelas decapagens realizadas em campo, mas pela somatória de resultados das pesquisas realizadas em Xingó, sobretudo após da sistematização dos dados pela equipe de geoprocessamento do MAX/UFS. Na análise da estratificação, desta forma, o que pode ser observado em meio aos pacotes sedimentares que compunham o sítio, foi apenas sutis diferenciações que apenas as análises de sedimentologia puderam "solucionar", destacando quatro pacotes distintos, a saber:

• Entre a superfície e 1,40-1,50 m de profundidade o sedimento aparece menos compactado, composto por areia e silte de tonalidade marrom clara;

• Entre 1,40-1,50 m e 2,20-2,35 m de profundidade o sedimento passa a ser composto por uma fração maior de silte, estando bem mais compactado e apresentando a tonalidade marrom escura;

• Entre 2,20-2,35 m e 3,90 e 4,10 m de profundidade muda a tonalidade tornando-se mais claro que o pacote anterior, mas sem grandes modificações físico-químicas;

• Entre 3,90-4,10 e 6,20-6,40 de profundidade o sedimento é mais compactado, composto por uma fração maior de silte e adquirindo tonalidade marrom escuro. Dependendo da localização, atingiu-se o lençol freático antes de se evidenciar o embasamento rochoso.

Assim, elegemos este assentamento como modelo para discussão e compreensão intra-sítio, partindo do pressuposto que os demais (surgidos com o advento da cerâmica e supostamente relacionados às novas necessidades do grupo) estariam ligados a ele em função de vários fatores. O sítio Justino tem fomentado uma série de discussões, sobretudo no tocante à sua "função" dentro do sistema de assentamento regional. Ou seja, sítio exclusivamente ritualístico, tendo como base empírica os 167 se-

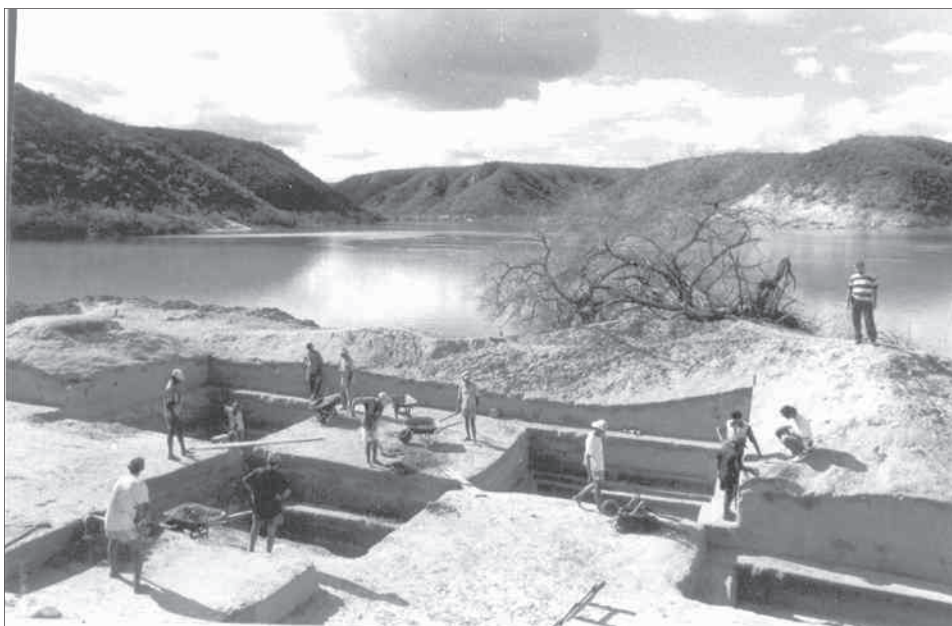


Fig. 5. Escavações no sítio Justino.

pultamentos e cultura material associada; sítio de "habitação" e cemitério considerando a elevada freqüência artefatual e outros remanescentes evidenciados em estruturas além dos sepultamentos, concentrações e associações observáveis no solo paleoetnográfico; acampamento temporário e cemitério; ou mesmo uma área de atividade específica dentro do espaço maior que seria o sítio base (Luna 2001, Mello 2005, Vergne 2004, Santos e Munita 2007, Dantas e Lima 2007).

Adiantando nossas conclusões, acreditamos que o sítio Justino apresenta um pouco de cada uma destas características supracitadas, ocupado e reocupado ao longo dos milênios como meio de adaptação cultural e funcional dadas as necessidades que o grupo (ou grupos), adquiria em função das próprias transformações decorrentes de diversas realidades: causas demográficas; manutenção do território; flutuações climáticas; acidentes geológicos; mudança na organização sócio-econômica e tecnológica; reorganização política; entre outras.

Assim, de acordo com este modelo, o sítio Justino acabou por adquirir distintas "funções" nas diferentes ocupações ocorridas em longa duração. Com isso, não afirmamos que houve uma continuidade "biocultural" nos oito milênios de ocupação, isto é, trata-se de um mesmo grupo; uma vez que nem mesmos os estudos bioantropológicos dispuseram de dados concretos para tal realidade (Vergne 2004, Carvalho 2006).

De qualquer forma, há similaridades no inventário tecnológico e mesmo na ritualidade observadas nos sepultamentos que indicam certas recorrências de modo a suscitar uma série de hipóteses acerca da continuidade cultural (sem o "bio", portanto mais "estilística"), mas que, por ausência de dados mais concretos, preferimos por enquanto trabalhar no campo da especulação. Ou seja:

• O registro arqueológico sedimentado nos terraços do baixo São Francisco pode ser os remanescentes culturais de um único grupo que, perante as particularidades na paisagem local, permaneceu "isolado" na região, desenvolvendo novas estratégias de uso dos recursos à satisfação de suas necessidades sócio-culturais, ideológicas, políticas e econômicas.[2]

• O registro arqueológico nas diferentes fases de ocupação apresenta nuances tecnológicas em função de contatos inter-étnicos em diferentes níveis nas fases de ocupação.

• A mudança para o modo de vida de caçador coletor para agricultor ceramista diz respeito não a um processo "evolutivo", mas está representado pela entrada de um novo grupo (ou grupos na área).

AS INDÚSTRIAS LÍTICAS REGIONAIS

A análise dos vários sítios da Área 03 de Xingó teve como preocupação estabelecer as relações entre os conjuntos líticos numa perspectiva intra e inter sítios, buscando os subsídios necessários à compreensão das seqüências operacionais e suas relações com os demais vestígios e estruturas preservadas na matriz arqueológica (Fagundes 2007, 2010).

As categorias analíticas utilizadas, sob essa perspectiva, tiveram como prerrogativa compreender as relações entre os vários conjuntos líticos postos em estudo, de modo que os dados resultantes nos permitissem entender como o estudo da tecnologia lítica pode cooperar para estabelecer hipóteses sobre sistema produtivo, função de sítio, mobilidade e, finalmente, compreender a distribuição desses assentamentos na paisagem de modo que pudéssemos inferir de maneira mais assertiva possível as relações dos humanos em seus ambientes.

Buscamos, assim, compreender e interpretar o comportamento envolvido nas atividades sociais por meio da análise dos resíduos materiais presentes no registro arqueológico. Ou seja, toda a análise laboratorial baseou-se na necessidade de compreender nosso objeto de estudo em termos sistêmicos e dinâmicos (Morais 2007).

Tendo como norte tais pressupostos buscou-se identificar os dados repetitivos em relação às várias etapas das cadeias operatórias líticas, em uma análise centrada nesta abordagem sistêmica e diacrônica, de modo que favorecesse a compreensão da apropriação da matéria-prima, dos gestos técnicos, do uso social e do comportamento de abandono, partindo do pressuposto que a tecnologia lítica está relacionada às estruturas sociais, capaz de responder às questões sobre a sociedade que produziu os implementos, visto que estes estão inseridos nos contextos históricos, culturais e simbólicos (Morais 2007).

Na literatura há um significativo número de estudos sobre conjuntos artefatuais líticos destacando a necessidade de compreensão dos gestos técnicos, ou seja, das seqüências de golpes, mentais e mecânicos-motor, que dão o caráter cultural (e singular), às diversas indústrias líticas espalhadas ao redor do mundo, no que Leroi-Gourhan interpretou como as *graduações do fato* (Leroi-Gourhan 1984a, 1984b). Para tanto é essencial compreender os instrumentos, as técnicas, os conhecimentos intelectuais e todo o processo gestual envolvido – no que se pode chamar de noção sistêmica e diacrônica sobre a tecnologia lítica e, portanto, compreendidas sob um viés antropológico (Morais 2007).

[2] No Workshop organizado pelo MAX/UFS, realizado em 2 e 3 de agosto de 2007, em comunicação a Profa. Dra. Olívia Carvalho citou que por meio dos estudos bioantropológicos oriundos da população dos enterramentos do Justino, observou a prática da endogamia, isto é, casamento intra-grupo.

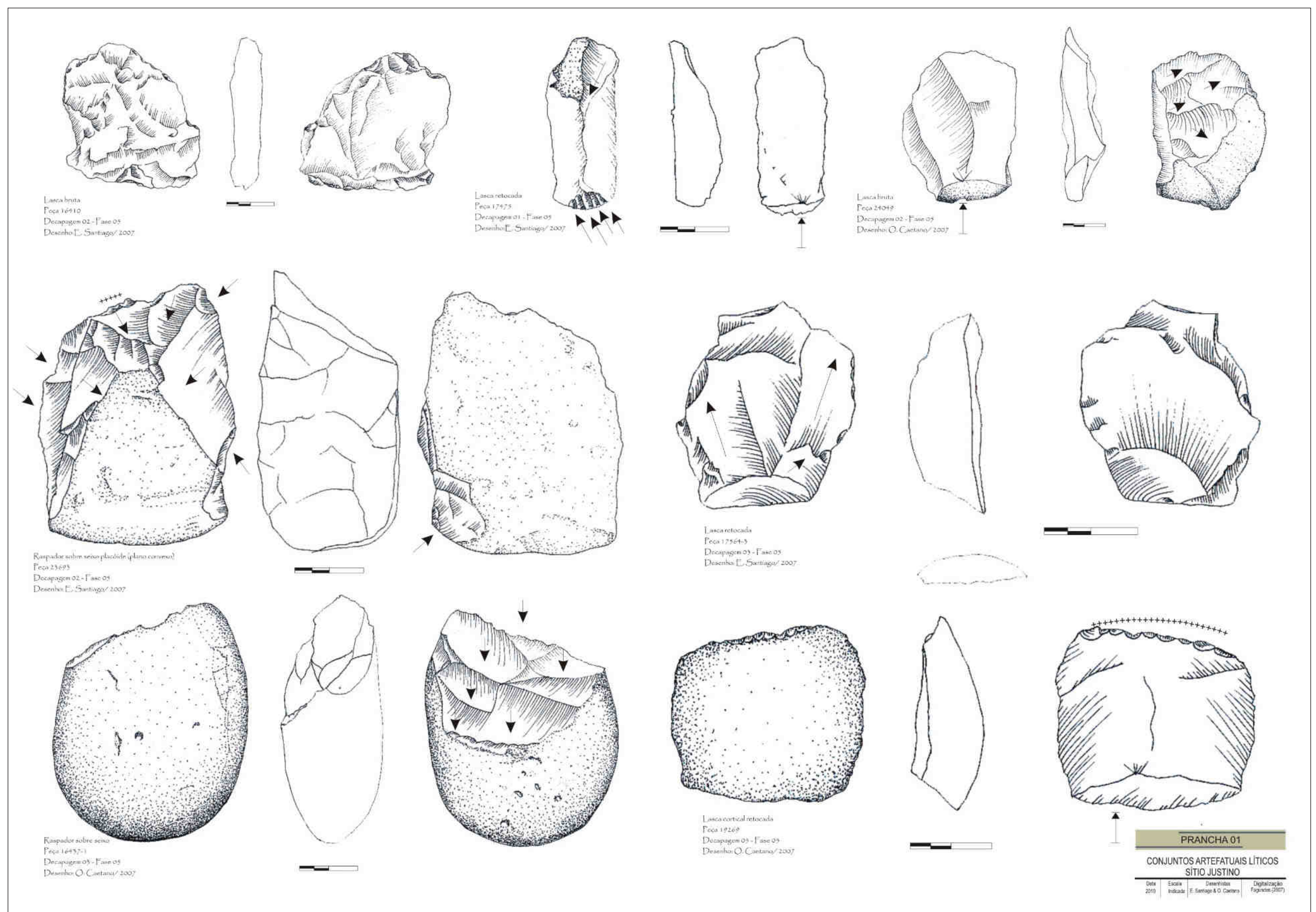


Fig. 6. Conjuntos artefatuais líticos do sítio Justino.

Em nossa concepção, todos os gestos técnicos estão relacionados ao comportamento, adquirido pela convivência sócio-cultural, histórica e pelos processos cognitivos. Por sua vez, esse comportamento pode ser subdividido entre (Fogaça 2001): *Know-how técnico*, definido pelas ações manuais, psicomotoras, de reação, reflexão, decisão e execução, e que não fazem um apelo constante à consciência; *Knowledge tecnológico*, que seria o conhecimento intelectual envolvido nas relações sociais e simbólicas que determinado sistema produtivo ocupa dentro da sociedade; assim seriam os domínios intelectuais.

Finalmente, vale à pena reafirmar que não é apenas nos hábitos psicomotores que a tradição se faz presente, mas em todas as escolhas que envolvem a produção de um dado artefato/instrumento ou bem material qualquer, visto que as técnicas, como um todo, são produtos de uma identidade pessoal e social, existindo em todas as etapas das cadeias operatórias enquanto ingredientes de um estilo tecnológico (Sackett 1982).

Assim sendo, compreendendo os avanços e possíveis restrições para a compreensão da tecnologia lítica e, fundamentalmente, as inferências que se pode obter a partir dela, é que os conjuntos artefatuais evidenciados na Área 03 de Xingó foram analisados e interpretados.

Tais conjuntos são caracterizados por *ferramentas expedientes* de ocasião – *expediency*, Binford (1983c) –, ou seja, a multifuncionalidade é o predicado marcante, sendo quase impraticável estabelecer o papel de cada sítio mediante exclusivamente aos aspectos funcionais da indústria lítica, sobretudo dentro de um contexto mais amplo que é o sistema de assentamento, indicando as estratégias envolvidas para apropriação, adaptação (cultural e natural) e exploração da paisagem (figs. 6 e 7).

Logo, uma análise mais abrangente sobre todos os elementos constitutivos das indústrias, digo não apenas os artefatos, mas analisando núcleos, percutores e os resíduos provenientes do processo de produção; permitiu chegarmos a resultados mais precisos sobre como os artesãos pré-históricos estavam manufaturando, usando e descartando seus implementos líticos. Para tanto se fez necessário estabelecer táticas que cooperassem para a elaboração de hipóteses sobre estudo de conjuntos líticos e suas relações com todas as demais áreas de interesse da pesquisa arqueológica.

Feita a análise diacrônica dos estigmas de lascamento, ainda foram realizados dados comparativos e estatísticos, focando itens que vão além dos aspectos funcionais, mas buscando subsídios para se compreender questões relativas ao tipo e freqüência de matéria-prima, diversi-

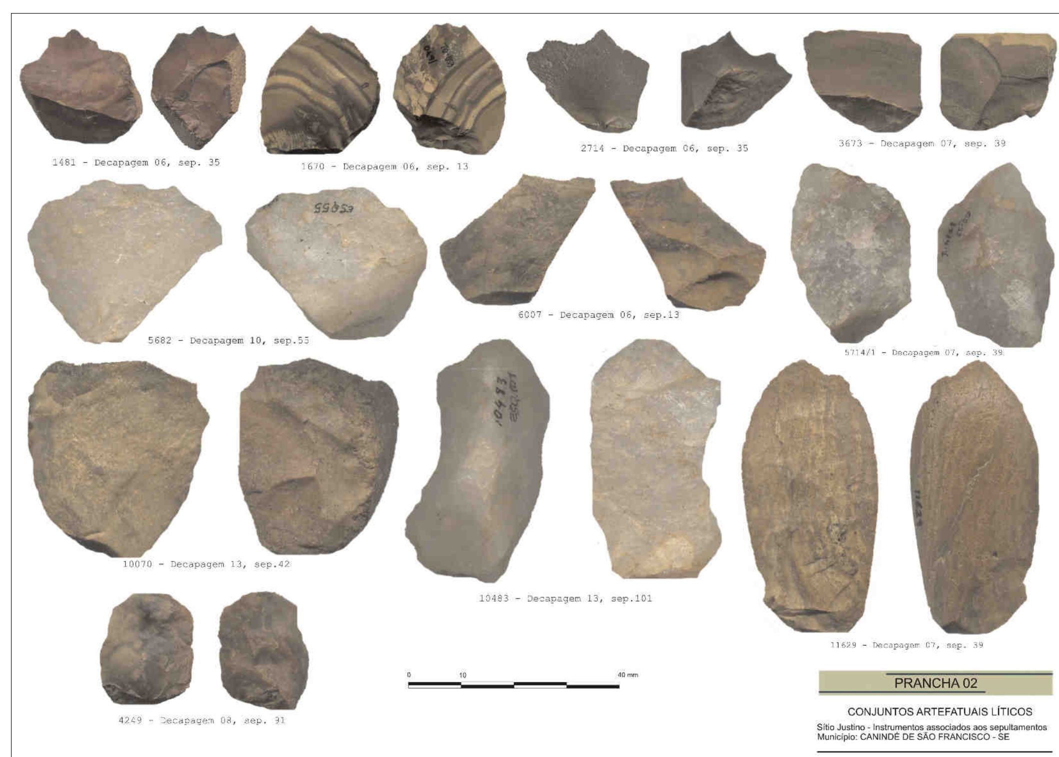


Fig. 7. Conjuntos artefatuais líticos do sítio Justino.

dade, flexibilidade, portabilidade, concentração de material associada às outras estruturas preservadas no sítio arqueológico (fogueiras, manchas no solo, sepultamentos, concentração cerâmica etc.), localização espacial da locação em relação aos demais sítios ou áreas geográficas, etc.

Na Área Arqueológica 03 de Xingó pudemos indicar uma *continuidade* cultural em relação à organização da tecnologia lítica, sobretudo quando observamos os conjuntos artefatuais dos sítios estudados como um todo, uma vez que não pudemos detectar *nenhuma* diferença significativa no tocante aos gestos técnicos executados para a produção artefatual, tanto em termos *diacrônicos* (nesse caso observando os conjuntos artefatuais das diferentes fases de ocupação do Justino), quanto *sincrônicos* (ou seja, comparando-se os sítios contemporâneos nas ocupações de agricultores ceramistas).

As desigualdades observadas nos conjuntos artefatuais em estudo estariam relacionadas aos itens, a saber:

• Tipo de matéria-prima, relacionando à durabilidade e flexibilidade dos instrumentos, nesse caso, existe uma relação entre o tipo de matéria-prima e a atividade desenvolvida. O sílex e arenito silicificado, por exemplo, teriam seu uso vinculado às atividades mais específicas.

• Variáveis quantitativas do conjunto artefatual (comprimento e peso), característica relacionada à portabilidade e, portanto, a mobilidade do grupo. Pelas análises da freqüência e densidade dos remanescentes culturais e por meio de nossas hipóteses de permanência e uso do sítio arqueológico, pudemos perceber que o assentamento em que o grupo (ou grupos) permaneceu mais tempo, os artefatos são mais pesados e maiores do que em períodos de curta permanência, independente se foram ocupações de caçadores coletores ou agricultores ceramistas.

Para as ocupações de caçadores coletores (e, portanto, para os conjuntos mais antigos do sítio Justino), os conjuntos artefatuais são marcados pela presença de suportes unifaciais (lascas e raspadores retocados), debitados tanto pela técnica unipolar quanto bipolar. Esta diferenciação percorre algumas hipóteses relacionadas à morfologia/volume do núcleo e o tipo/qualidade da matéria-prima.

A maior parte apresenta alguma superfície cortical, geralmente na região central ou bordo esquerdo, sobretudo em função das ações transformativas pós-debitagem representadas por retiradas de adelgaçamento, tanto para supressão dessa superfície cortical quanto para diminuição do volume da peça. As cicatrizes evidenciam uma seqüência de gestos abruptos geralmente perpendiculares ao eixo morfológico partindo da face interna, sempre plana. Em alguns casos é possível observar contra-bulbos recorrentes desse processo.

Em meio a estas cicatrizes há aquelas decorrentes do processo de debitagem anteriores, ainda no núcleo, geralmente evidenciadas na região central.

Em relação aos retoques, na sua totalidade são curtos em escama, geralmente atingindo a face externa, podendo ser contínuos, totais ou parciais/descontínuos. Hipótese que foram executados após desgaste dos bordos ativos (refrescamento). Outra característica relevante é que os retoques estão diretamente relacionados à morfologia da peça, ou seja, peças muito largas, geralmente do tipo trapezoidal, receberam retoques no distal, enquanto as quase longas, longas e laminares nos bordos (direito e/ ou esquerdo).

Nas ocupações de caçadores coletores foram evidenciados diferentes tipos de artefatos que, como dito, na maioria das vezes se enquadram na classificação de expeditos (Binford 1983c).

Entre eles podemos citar os raspadores sobre seixo, sobretudo unifaciais, mas com alguns poucos exemplares bifaciais. São seixos que sofreram poucas modificações, recebendo golpes abruptos em uma das extremidades do suporte com a intenção de evidenciar o bordo ativo. A extremidade oposta continua cortical que, de certo modo, podemos considerar uma estratégia já que facilita a preensão do instrumento. Os retoques geralmente são curtos, em escama e semi-abruptos, dependendo das reentrâncias podem ocorrer de forma total ou parcial.

A partir da decapagem de 4790 ± 80 A.P. em estratigrafia do sítio Justino foi comum a evidenciação de *raspadores sobre seixos placóides*.

Entre as principais características que podemos listar são:

• Grande parte dos instrumentos está constituída por lascas semicorticais com ângulo externo superior ao externo.

• Os instrumentos foram obtidos, na maioria, pela técnica unipolar (51,78%), seguida pelo talhe (11,11%) e técnica bipolar (7,40%).

• Não há sinais de economia de matéria-prima quando analisados os núcleos, sempre pouco explorados, com utilização dos planos naturais da peça na maioria dos casos observados (65,38%), onde apenas 26,92% apresentaram estigmas de técnicas mais controladas de aproveitamento da matéria-prima, sobretudo em relação ao sílex e arenito silicificado, onde foi ainda possível verificar que houve uma seleção prévia dos seixos nesse tipo de rocha, com preferência por aqueles onde foi possível explorar esses planos de percussão naturais, para obtenção de suportes quase longos, geralmente quadrangulares ou trapezoidais.

• Os instrumentos são na maioria pequenos e médios, sendo que os manufaturados em quartzo são mais leves do que aqueles em outras matérias-primas.

• A expediência é característica marcante.

Nas ocupações ceramistas, os raspadores sobre seixo também foram evidenciados, todavia, em freqüência bem menor que quando comparada às ocupações de caçadores coletores e, principalmente, à quantidade de suportes retocados. Os raspadores bifaciais são os menos freqüentes. Para estes artefatos sobre seixo, os procedimentos de manufatura são os mesmos: são realizados golpes perpendiculares em uma das extremidades do seixo, de modo a salientar um bordo ativo entre 70 e 90º, sendo que na maioria dos casos são efetuados retoques curtos, em escama, contínuos ou descontínuos. Hipótese primeira é que tal procedimento é assumido após uso do artefato como refrescamento do bordo desgastado (como nas ocupações anteriores).

Os raspadores sobre lasca são geralmente peças muito largas, manufaturadas a partir de suportes corticais que receberam golpes abruptos perpendiculares ao eixo morfológico de modo a suprimir a superfície cortical e adelgaçar a peça formando arestas extremamente cortantes. Os retoques são curtos e em escama, mas também ocorrem paralelos.

Entre as decapagens 28 e 15 do sítio Justino (período de transição entre ocupadores de caçadores coletores e agricultores ceramistas), a categoria de instrumentos mais numerosa está representada pelas lascas bipolares retocadas (do tipo quadrangular). Estas apresentam divisão central na face externa, geralmente com superfície cortical no distal e/ ou talão. Receberam pouca ou nenhuma modificação por golpes de adelgaçamento, e apenas retoques curtos em escama em ambos bordos. Há também os suportes trapezoidais, obtidos pela técnica unipolar, geralmente recebendo golpes de adelgaçamento e retoques curtos/escamas.

Nas ocupações de agricultores ceramistas do sítio Justino entre 3270 ± 135AP e 2650 ± 150 AP, o que pode ser destacado é a maior diversidade nos conjuntos artefatuais, com uma explosão em termos de concentração e diversidade não apenas dos vestígios líticos, como também dos demais remanescentes culturais.

Os conjuntos líticos, em si, adquirem um caráter ainda mais expedito, com presença maciça das ferramentas de quartzo, com exceção dos sítios classificados como acampamentos temporários de atividades específicas onde o sílex e o arenito silicificado tiveram maior expressividade (Fagundes 2010).

No caso do Justino, a presença de uma maioria absoluta de artefatos expedientes ao fato do seu uso como sítio base/ habitação, em que no solo de ocupação são evidenciadas ferramentas mais relacionadas ao uso momentâneo e menos específico, geralmente de caráter multifuncional, que apesar da "aparência estética" pouco atraente para nossas análises líticas, são aptas a um número bastante amplo de atividades. No caso dos acampamentos de atividades específicas, ferramentas mais resistentes (no caso do sílex e arenito silicificado), justificam a evidenciação desse material no registro arqueológico (Fagundes 2010).

Outra característica relevante, diz respeito às dimensões dos artefatos, onde se observam mudanças significativas em relação aos conjuntos artefatuais de caçadores coletores. Os dados demonstram um aumento significativo no tamanho e peso dos artefatos, sendo alguns (6,66%), pesando acima de 200 g. Tal realidade pode ser resultado da menor necessidade de portabilidade dos instrumentos em função da provável diminuição da mobilidade residencial e mesmo das novas estruturas produtivas advindas destas mudanças (Fagundes 2007).

Também é marcado pelo aumento considerável dos artefatos que classificados como *raspadores sobre blo-*

co. São peças que sofreram poucas modificações sendo executadas retiradas abruptas perpendiculares ao eixo morfológico do suporte de maneira a criar reentrâncias ativando os bordos da peça. São pequenos e médios blocos de quarto de estrutura quadrangular, algumas vezes retocados, entretanto a hipótese maior é que esse procedimento ocorra com o desgaste do bordo ativo.

Os raspadores sobre lascas foram obtidos principalmente pela técnica unipolar. Após a debitagem foram executadas as ações transformativas, representadas por supressão do córtex e adelgaçamento da peça, em muitas o córtex ainda permanece na porção central. Já os raspadores sobre seixo são todos unifaciais, sendo confeccionados sobre seixos mais alongados, seguindo as técnicas de redução como nas demais fases supracitadas. Há ainda um quadro significativo de lascas retocadas, sobretudo quadrangulares e trapezoidais.

Entre as principais características desse conjunto, podemos citar (Fagundes 2010):

• Maior diversidade nos conjuntos artefatuais.

• Aumento significativo do uso do quartzo (73,01%), podendo estar ligado diretamente à diminuição da mobilidade residencial, com maior fixação do grupo no sítio Justino.

• Aumento considerável da expediência, uma vez que no solo de ocupação foram evidenciados instrumentos de uso momentâneo, pouco ou nada retocados.

• Os núcleos são na maioria de quartzo, onde foram utilizados os planos de percussão cortical, com obtenção de lascas quase longas, geralmente quadrangulares, corticais ou semicorticais. Todos são peças pouco exploradas e rapidamente abandonadas, com exceção dos núcleos de sílex que se observa uma maior exploração da peça, mesmo que desordenada.

• Aumento significativo dos raspadores sobre bloco de quartzo.

• Os artefatos sobre lascas estão constituídos por suportes corticais ou semicorticais.

• Aumento significativo no tamanho e peso dos artefatos desse conjunto.

Entre 1780 ± 60 AP e 1280 ± 45 AP os conjuntos artefatuais líticos do sítio Justino apresentam a menor diversidade em termos tecnológicos, estando representada, sobretudo, por instrumentos expeditos, muito simples, sendo que os artefatos *stricto-sensu* representam apenas 1,91% dos vestígios líticos analisados. Aqui o quartzo é mais utilizado (74,81%), representado por resíduos de lascamento, suportes e núcleos.

A atividade de lascamento foi provavelmente desenvolvida no sítio, entretanto relacionada à produção de instrumentos expeditos, geralmente lascas quadrangulares corticais de quartzo que, dada a flexibilidade desse tipo de instrumento, deve ter sido requerido para a execução de atividades cotidianas do grupo. Os artefatos mais característicos são os raspadores sobre seixo e sobre bloco. Os raspadores sobre seixo são unifaciais, sendo manufaturados preferencialmente sobre seixos do tipo "placóide" (em placas), fato não observado nas demais ocupações.

Para essa ocupação, as principais características são (Fagundes 2010):

• Uso majoritário do quartzo na produção artefatual (74,81%).

• Menor diversidade em termos tecnológicos quando comparada às demais Fases de ocupação do Justino, com presença de instrumentos muito simples (expeditos).

• Existência de percutores maiores e mais pesados que nas demais ocupações.

• Presença de núcleos muito pouco explorados no conjunto artefatual, sendo que em 97,05% foram explorados os planos de percussão cortical.

De forma geral, com o advento da tecnologia cerâmica e aumento significativo do número de sítios na área, poucas foram as mudanças observáveis na organização tecnológica lítica. A indústria ainda é expedita, com preferências pelo uso do sílex e arenito silicificado, entretanto, esses tipos de matéria-prima passam a ser evidenciados em maior quantidade nos sítios classificados como de atividades específicas, tais como o Curituba II e o Topo. Acreditamos que tal realidade diz respeito aos aspectos de durabilidade e flexibilidade desse tipo de material para a produção dos implementos líticos.

De qualquer forma, podemos afirmar que há um estilo para a indústria lítica de Xingó, sobretudo, partindo do pressuposto que estilo é algo particular de se fazer algo, em uma dimensão histórica e cultural, onde escolhas foram realizadas em detrimento de outras e, acima de tudo, que essas "escolhas" possam ser literalmente "mapeadas", além de que o estilo é onipresente em todos os passos das cadeias operatórias (Sackett 1982).

Os dados empíricos nos demonstraram, dessa forma, que nas ocupações de caçadores coletores (evidenciadas exclusivamente no solo paleoetnográfico do sítio Justino), os artefatos apresentam uma maior diversificação em sua morfologia e uso de matéria-prima, enquanto nas ocupações de agricultores ceramistas a expediência é a característica marcante (Fagundes 2010).

Nos outros assentamentos, os atributos formais e tecnológicos de seus conjuntos líticos (observados nas análises de cadeia operatória), apresentam similaridades aos conjuntos do sítio Justino, sendo a única diferença o uso de matéria-prima, uma vez que o sílex e o arenito silicificado se fazem mais presentes nos sítios classificados como acampamentos.

Dessa forma, as principais características dessa indústria em termos diacrônicos são (Fagundes 2007, 2010):

• Pelo uso de seixos com pré-disposição à retirada dos suportes desejados, representados por lascas quadrangulares e trapezoidais, unifaciais, sendo que em alguns foram realizadas ações transformativas pós-debitagem, representadas por golpes de adelgaçamento e retoques (curtos e em escama), executados na face interna para atingir a externa. O tipo de técnica mais freqüente é a unipolar, com uso de percutor duro. Em suma, a escolha pelo suporte pressupõe uma *economia nos gestos técnicos*: seixos com certa morfologia para obtenção de lascas corticais ou semi para produção dos implementos líticos.

• Pela produção de raspadores sobre seixos, novamente suportes previamente escolhidos por sua morfologia, onde foram realizados golpes abruptos e perpendiculares ao eixo morfológico da peça para a obtenção de gume ativo, sendo este último muito pouco trabalhado e, quando há retoques, é evidente que foram realizados com a intenção de ativação do bordo.

• Uso preferencial de matérias-primas com maior teor de sílica, mas o quartzo é extremamente utilizado, sobretudo para a obtenção de lascas corticais para uso ocasional.

• Utilização de pequenos blocos de quartzo, geralmente quadrangulares, como raspadores, onde foram realizadas pouquíssimas transformações para adelgaçamento do bordo à ativação de um gume cortante.

Enfim, trata-se de uma indústria expedita, mas que traz consigo traços fundamentais para a compreensão do contexto sistêmico na pré-história de Xingó, uma vez que suas similaridades associadas aos usos diferenciados em diferentes assentamentos corroboraram para a hipótese inicial de complexo de situacional.

COMPLEXOS DE SÍTIOS E OS LUGARES PERSISTENTES

Mediante a toda essa discussão supracitada e da necessidade de se entender os processos formativos e de ocupação dos terraços do Baixo São Francisco, preferimos nos posicionar conforme os pressupostos de Sarah H. Schlanger, do Museu do Novo México (Estados Unidos), acerca da presença de lugares persistentes para Xingó.

O modelo criado pela autora a fim de compreender a distribuição de sítios de agricultores pré-históricos (grupos Anasazi), na área do *canyon* do rio Dolores, no Colorado, Estados Unidos; demonstrou ser interessante para nosso estudo na medida em que a autora promove uma discussão pautada na necessidade da compreensão dos sítios arqueológicos, dos achados isolados (que preferimos chamar de "ocorrências") e da paisagem (dos geoindicadores teorizados por Morais 2006), enquanto delineadores das escolhas/estratégias e, conseqüentemente, sistema de assentamento. Nas suas palavras:

> "I propose to treat both the isolated finds and the sites together and to employ them as tool for studying the use of a landscape occupied by prehistoric horticulturalists. The concept I use to link sites and isolated finds to landscapes is the concept of the persistent place, a place that is used repeatedly during the long-term occupation of a region" (Schlanger 1992: 92).

Para compreensão efetiva de uma área arqueológica deve-se levar em conta, além dos conjuntos artefatuais: a organização das estruturas internas em um dado sítio arqueológico (freqüência, estado relacional – concentrações e associações –); os diferentes sítios arqueológicos e ocorrências de uma área, sobretudo por meio de levantamentos intensivos nos diferentes compartimentos geomorfológicos que compreendem a área de atuação da pesquisa; os meios de acesso e inter-relações entre esses sítios; a disposição desses sítios na paisagem – relação espacial (Fagundes e Mucida 2009).

Ou seja, ampliamos a noção de sítio (do conceito de estabelecimento ao de sistemas de assentamento regional) e, além disso, somamos a análise da cultura material os subsídios que nos remetem ao contexto organizacional, não entendendo nem o artefato, nem o sítio enquanto entidades isoladas, mas buscando compreender: a disposição dos remanescentes culturais e suas associações nos diferentes sítios arqueológicos; as inter-relações entre esses diferentes sítios e, portanto, a distribuição dos mesmos nos diferentes compartimentos da paisagem (Binford 1987, 1990, 1992).

Tendo como aporte teórico os pressupostos de Schalanger (1992), os resultados analíticos dos conjuntos líticos estudados, a distribuição dos remanescentes arqueológicos nas diferentes fases de ocupação dos sítios estudados, entre outros; dividimos os dezesseis sítios da Área 03 em diferentes complexos que, hipoteticamente, seriam os *loci* de ocupação dos grupos pré-históricos em foco, a saber:

• Complexo 01: sítios de curva do rio (Justino, Curituba I, Curituba II e Cabeça de Nego) relacionados à área habitacional e desenvolvimento de atividades especializadas, entretanto com intuito mais "doméstico" para proteção e moradia;

• Complexo 02: sítios de cachoeira (Topo, Ouro Fino e Tanques) associados à pesca especializada (sobretudo em períodos de piracema), tendo em vista que os dados até então colhidos para Xingó apontam a pesca como base na subsistência desses grupos;

• Complexo 03: sítios de terraços no *canyon* e rotas de acesso (Vitória Régia I, II e III, Porto Belo I, II e III,

Fazenda Velha I e II, Saco da Onça I e II) que assumiriam caráter de acampamento temporário para a execução de atividades específicas do grupo e, em alguns momentos, como habitação;

• Complexo 04: os riachos intermitentes (e arredores) compreendidos enquanto acessos naturais ao pediplano sertanejo, muitos dos quais foi possível coletar artefatos *stricto sensu* em superfície – *loci* relacionados à mobilidade do grupo que, sob nosso ponto de vista, tem características que a identifica muito mais como logística e/ou ritualística;

• Complexo 05: sítios de registros rupestres dispostos ao longo destes riachos, localizados tanto em boqueirões (suporte arenítico), como nos matacões de suporte granítico, locais propícios às curtas ocupações de pequenos grupos dadas as suas feições geomorfológicas, oferecendo abrigo e recursos naturais, inclusive água, condição *sine quo non* para ocupações em uma área – relacionadas tanto às questões simbólicas quanto à mobilidade em função da sazonalidade de recursos e do próprio assentamento em função do regime de cheias do São Francisco.

Assim sendo, conforme esse modelo, a escolha pelos grupos pré-históricos do terraço onde estava localizado o Justino (assim como a localização dos demais assentamentos) estaria ligada às características naturais observadas pelas recorrências entre as diferentes ocupações (temporal), e mesmo aquelas espaciais verificáveis pelos geoindicadores (Morais 2006) que, em termos diacrônicos, foram transmitidas e assimiladas pelo aparato cognitivo (inerente à condição humana).

Em suma, o terraço foi incorporado às normas culturais do grupo como um *lugar persistente*, sendo que o surgimento de novos sítios, tanto no Complexo 01 quanto nos demais Complexos, é decorrente da nova organização social (e tecnológica), observada por meio da pesquisa acerca da ritualidade funerária (Vergne 2004) e por meio dos estudos de organização tecnológica realizados em nossa tese de doutoramento.

Além disso, a paisagem compreendida como signo, por exemplo, indica o porquê de certas escolhas foram efetuadas pelos grupos ao estabelecimento de sítios bases. Do mesmo modo, a organização dual (norte-sul, leste-oeste, sol-lua etc.) observada em muitas etnias brasileiras, poderia pautar a escolha, hipoteticamente dizendo, de determinado local para morar ou desempenhar suas atividades sócio-culturais.[3]

No caso específico de Xingó são as curvas do rio São Francisco (Complexo 01) onde estão localizados os sítios habitação (e cemitério) que, em caráter de especulativo, seriam os pontos do rio onde os sítios estariam dispostos nessa dualidade: leste-oeste ou norte-sul (Zerries 1976, Lévi-Strauss 1967).

Por isso o estudo dos geoindicadores, ou seja, "... elementos do meio físico-biótico dotados de alguma expressão locacional para os sistemas regionais de povoamento, indicando locais de assentamentos antigos [que] sustentam um eficiente modelo locacional de caráter preditivo, muito útil no reconhecimento e levantamento arqueológico" (Morais 2006: 198); tem se demonstrado essencial à Arqueologia, pois indica recorrências e, portanto, extrapolações consistentes acerca dos diferentes sítios arqueológicos em uma área.

Igualmente, acreditamos que a base territorial de grupos pré-históricos – como em grupos indígenas atuais (Costa e Malhano 1987 –, não está delimitada pelo espaço habitacional que, de um modo ou de outro, era sazonal e deslocado pela paisagem, em função de *marcos paisagísticos* e conseqüentes fronteiras culturais bem definidas. Essa base territorial estaria representada pelos denominados sítios bases/habitação (ou aldeia), acampamentos temporários, locais para desempenho de atividades especializadas, caminhos/trilhas, portos, canais etc., como excelentemente foi definido e teorizado por Mauss (1974), pelo qual a interpretação do todo (enquanto espaço social) é responsável pela restituição da coerência interna da sociedade observada.

Assim, as escolhas e os próprios deslocamentos (portanto, a mobilidade), estão regidos por questões que vão além das funcionais/subsistência, onde territórios, mesmo que fluídos, são bem definidos conforme os lugares persistentes que os delimitam (Bradley 2000).

A pesquisa realizada por Silva-Méndes no bairro rural do Barro Branco, município de Ribeirão Grande, São Paulo; focando a distribuição espacial de sítios de caçadores coletores, também utilizou (e ampliou) o modelo de Schlanger sobre o uso de lugares persistentes, tendo como eixo o sítio Barro Branco XIV, utilizado pelo autor como o modelo gravitacional e tendo como premissa que: "O uso de um *locus* em relação a outros *loci* pode ser diferenciado através de sua função dentro de um horizonte de ocupações relacionadas a um mesmo sistema de assentamento [...] Um *locus* de uso continuado representa na paisagem que: 1) não se trata de sítios arqueológicos *stricto sensu* apenas; tampouco simples feições da paisagem; 2) se trata da conjunção de comportamentos humanos particulares sobre uma paisagem particular [...] *Loci* de uso continuado contêm características únicas para a execução de algumas atividades, práticas e comportamentos" (Silva-Méndes 2007: 155).

Ou seja, existe uma gama de *características* de um local ou área que, de algum modo, estariam possibilitando (ou potencializando) a ocupação humana em longa

---

[3] Segundo Costa e Malhano (1987), para se instalar uma aldeia (habitação), até a constituição do solo é levada em conta nas escolhas do grupo.

duração, vinculada a: “... proximidade de extração de matérias-primas; feições geomorfológicas adequadas que permitam assentamento, observação do entorno e proteção de uma região ocupada; feições com potencial topográfico de acesso de um *locus* a outro; feições únicas paisagísticas que potencializem a economia de um grupo ou que estejam associadas ao comportamento simbólico do grupo (cachoeiras, travessões, cavernas etc.)” (*id. ibidem*).

O uso espaço-temporal dos sítios, dos marcos paisagísticos e das ocorrências arqueológicas seria uma excelente ferramenta para mapearmos a distribuição desses *loci* e, sobretudo, a recorrência desse uso que pode estar respondendo a um variado leque de questões, como várias vezes discutidas nesta tese. Deste modo, tendo como base à tecnologia lítica (visto que são os implementos de pedra que ocorrem em todas as fases de ocupação), aliada aos geoindicadores e a percepção sobre a paisagem; aos demais remanescentes culturais; a freqüência e densidade artefatual; a diversidade; as associações entre os remanescentes, estruturas e ecofatos; nos fez repensar o papel do Justino e, ao contrário de uma visão unificadora de um sítio utilizado em longa duração, demonstrar *calcado em dados empíricos*, que o mesmo teve seu uso modificado ao longo do tempo, como era de se esperar.

Como já dito, para os dados comparativos inter sítios da Área Arqueológica 03, focamos, como no caso do Justino, nas seqüências operacionais e na organização tecnológica das indústrias líticas que, neste caso, foram nossas principais fontes de informações.

Do mesmo modo, relacionamos com a disposição dos sítios na paisagem enquanto indicadora de questões acerca do sistema regional de assentamento em terraços, tendo como base a distribuição espacial dos sítios da Área 03 e os indícios de ocupação do pediplano sertanejo. Tais resultados foram associados aos remanescentes culturais evidenciados por sítio; ao uso de diferentes matérias-primas; aos conjuntos artefatuais e suas especificidades; à freqüência e densidade artefatual; à existência de estruturas; além de alguns outros dados referentes aos restos faunísticos e análises sedimentológicas que foram obtidos nos relatórios de pesquisa do extinto PAX e do MAX.

A análise das cartas topográficas e fotos de satélite demonstraram que os principais sítios estão estrategicamente localizados nas curvas do rio. Além disso, ambos muito próximos as antigas cachoeiras (corredeiras). Tendo tais fatos como recorrências, estabelecemos as seguintes relações: Escolha de habitação *versus* captação de recursos (caça, pesca, coleta, matérias-primas etc.); Cachoeiras *versus* curva do rio *versus* captação de recursos *versus* aspectos simbólico-culturais; *Canyon versus* curvas do rio *versus* terraços *versus* riachos *versus* corredeiras.

Ou seja, há esta preferência em estabelecer sítios bases[4] nestas áreas tanto para os grupos de caçadores coletores, mas, sobretudo, em relação às ocupações de agricultores ceramistas. O projeto de prospecção sistemática que compreendeu do município de Paulo Afonso-BA até a foz do rio São Francisco (realizado pela equipe do Laboratório de Pesquisas do MAX), pode constatar que as maiores concentrações de sítios de terraço ocorrem exatamente nestas áreas de curvas do rio. Algumas hipóteses podem ser levantadas a partir destas observações.

Inicialmente, são nestes locais de curvas que as corredeiras do São Francisco típicas destas áreas diminuem, formando os chamados remansos. Estas áreas, por sua vez, apresentam águas calmas que facilitariam a permanência no local, sobretudo no período de estiagem, por várias razões, a saber:

• A pesca de pequenos e médios peixes poderia ser executada sem grandes dificuldades, dispensando a elaboração de ferramentas mais específicas, obtendo-se uma significativa quantidade de nutrientes sem que houvesse investido excessivos índices de energia. O registro arqueológico do Justino, por exemplo, apresentou uma grande quantidade de restos faunísticos que, em sua grande maioria, estão representados por pequenos segmentos ósseos de peixe (grande parte da ordem *siluriforme*), em quase todos os níveis arqueológicos, entretanto com maior concentração de vestígios nos referentes aos agricultores ceramistas (entre camada 01 e 23). Entre as camadas 24 e 39 não houve registro destes remanescentes, que voltam a ocorrer entre as decapagens 40 a 46 (fase 02 e final da fase 01). Tais resultados nos permitiram inferir que o terraço foi ocupado mais intensamente (e por um número maior de pessoas), nos períodos cerâmicos. Nos demais sítios foram recuperados restos faunísticos exclusivamente nos níveis referentes aos agricultores, com maior concentração no Curituba I (Silva 1994, Palmeira 1997).

• Facilidades de captação de água para as atividades domésticas/ cotidianas (Ab’Saber 1997). Além disso, a travessia entre uma margem e outra se torna mais fácil e, supondo que os grupos dominavam algum tipo de técnica de navegação, as regiões de remanso são mais aptas a serem utilizadas como “pequenos ancoradouros”;

• Desenvolvimento da agricultura (ou horticultura). É notório que durante as ocupações ceramistas algum tipo de domesticação de vegetais ocorrera nos terraços. Ad-

[4] Assim, dentro dos parâmetros de Binford, os sítios base (habitação), apresentam remanescentes culturais que apontam para a execução de atividades mais diversificadas, apresentando alta concentração e densidade de vestígios arqueológicos (o que ocorre no sítio Justino a partir da decapagem 22; no sítio Curituba I e nas ocupações finais do Vitória Régia I); enquanto os sítios de atividades específicas são caracterizados pela pequena variedade e densidade dos conjuntos artefatuais, características que se enquadram com as ocupações iniciais do Justino e com a grande maioria dos sítios em estudo (Binford 1983a,1983b).

mitindo que na época de estiagem do São Francisco (que permitiria a ocupação "segura" nos terraços), coincide com a época das chuvas na região, e que com o recuo do rio o processo evidenciaria, em alguma proporção, material orgânico rico em nutrientes. Uniríamos solos mais férteis que no pediplano, disponibilidade de captação de água (se necessário) e estação chuvosa.

• Estrategicamente nestas regiões há uma maior visão do entorno (direção leste-oeste), o que pode ser considerado como essencial para a defesa do grupo;

• Facilidades referentes à captação de matéria-prima lítica já que nestas áreas há uma concentração significativa de seixos e blocos de vários tipos, base para grande parte da indústria lítica local;

• As corredeiras muito próximas aos sítios podem também ser outro motivo que explicaria o uso em longa duração desses terraços. Na Área Arqueológica 03 estão representadas pela Cachoeira do Topo (a oeste) e a Cachoeira dos Veados (a leste), porém com concentração de sítios apenas na primeira: os sítios Topo, dos Tanques e Ouro Fino. Cabe ressaltar que nestas áreas a pesca de peixes de médio e grande porte poderia ser desenvolvida com maior índice de aproveitamento, sobretudo na *piracema*. O registro arqueológico do sítio Tanques apresenta uma fogueira de grande dimensão associada a vértebras de peixes de médio e grande porte não identificados pela análise faunística. Além disso, pensando na indústria lítica, pode-se inferir uma especialidade para esta atividade (Silva 1994, Palmeira 1997).

• A presença de remanescentes ósseos de mamíferos de pequeno porte, lisanphibios e lepdossaurios (maioria associados às fogueiras); permite-nos inferir que a caça generalizada seria outra atividade de subsistência destes grupos pré-históricos, apesar de seu aspecto secundário.

• Nas curvas do rio há uma mudança na paisagem representada neste trecho pelo extenso *canyon*. Se pensarmos que vários grupos humanos utilizam diferentes marcos na paisagem como referência para suas atividades culturais e para orientar seu universo simbólico, além da constatação empírica que os sítios cemitérios/ ritualísticos estarem exatamente nesta área; podemos inferir que há toda uma questão simbólico-cultural que explicaria a escolha deste local em específico. Além disso, como supracitado, a relação dual na organização social poderia ser uma hipótese para o estabelecimento de "habitações" preferencialmente nessas áreas.

Estes pontos foram fundamentais para a compreensão do *complexo situacional de sítio* nesta área em específico. Obviamente, temos todo um universo ainda a ser pesquisado representado pelas ocupações realizadas no pediplano sertanejo já que há indícios claros que este ecossistema foi utilizado como acampamento (e/ou habitação) em específicos momentos, sobretudo em função das ocorrências localizadas em certos locais, mas, sobretudo próximas às fontes de água (barrancas de riachos, poços, cacimbas etc.).

Por exemplo, os sítios cerâmicos, até então localizados, são muito mais escassos, fator que pode indicar que o grupo estaria mais próximo aos terraços e, raramente, adentrando em meio à caatinga.

No Complexo 05 de Sítios Rupestre de Malhada Grande (relacionado a Área Arqueológica 01), os sítios com existência de material cerâmico estão associados à presença de amplos lajedos e matacões, enquanto aqueles com presença exclusiva de material lítico ocorrem em áreas apenas com presença de matacões.

Os resultados sobre as ocupações no pediplano sertanejo, assim, são preliminares (portanto frágeis), entretanto de antemão podemos indicar algumas proposições:

• Que estariam representadas por acampamentos temporários fazendo parte da mobilidade dos grupos pré-históricos que, como já dito, responderiam às necessidades de ordem econômica, política, ritualística e social;

• Que estas ocupações seriam decorrência da necessidade de abandonar os terraços na época das cheias do São Francisco (outubro a fevereiro), sendo constituídos por sítios de habitação semipermanentes (sítios base) e aqueles de atividades especializadas.[5]

As *rotas* para o pediplano foram indiscutivelmente os *riachos intermitentes* afluentes e subafluentes do rio São Francisco (Complexo 04), fato comprovado não apenas pela existência de inúmeros sítios de arte rupestre, muitos dos quais foi possível à observação em superfície de remanescentes culturais, representados em grande parte por vestígios líticos (artefatos *stricto sensu*); bem como das condições naturais que propiciavam a locomoção com maior "segurança".

Fato recorrente é que a totalidade destes sítios está concentrada nas proximidades destes cursos d'água (inclusive no Complexo de Malhada Grande). Em alguns deles, principalmente aqueles em suporte granítico, formam-se nos lajedos as chamadas "cacimbas", locais de acúmulo de água da chuva que dependendo das dimensões e dos agentes climáticos, pode servir de reservatório natural durante alguns dias ou meses.

Deste modo, na perspectiva aqui adotada de lugares persistentes (Schlanger 1992), pudemos observar empiricamente que a localização de sítios arqueológicos em Xingó seguiu determinados padrões, ou seja, foram recorrentes, denotando que realmente há escolhas em função

---

[5] A mudança das aldeias em função da cheias dos rios foi observada etnograficamente em aldeias Karajá (antigas e presentes), constituídas por alinhamentos de casas paralelas ao rio Araguaia; e entre os Omágua (grupo falante de Tupi, extinto), localizados entre os rios Japurá, Coari e Purus, na região amazônica (Costa e Malhano 1987).

da paisagem, suas potencialidades adaptativas, funcionais e culturais – e que nos permite apresentar um *modelo regional de ocupação*.

Apenas para ilustrar como a água é condição *sine quo non* em ambientes semi-áridos nordestinos, influenciando, inclusive, na mobilidade, quiçá, na permanência em dados locais; citamos o trabalho de Pacheco e Albuquerque (1999) no sítio Lajedo Soledade, Rio Grande do Norte, sobre os painéis de registros rupestres dispostos no local.

O sítio foi identificado como habitação temporária de caráter ritualístico, visitado exclusivamente em períodos de chuva, dado comprovado empiricamente pela análise das técnicas de incisão utilizadas na confecção das gravuras "... mas também pela distância da Lagoa do Apodi (a água mais próxima durante o período de seca, distando cerca de 3 km do Lajedo). E a dificuldade de locomoção na área aumenta ainda mais a experiência dessa distância" (id. 1999: 121).

Percebe-se, desta forma, que a organização social e a tecnológica dos grupos, assim como a orientação e uso da paisagem podem ter sido direcionados pelas adversidades e potencialidades regionais. Entre os grupos de caçadores coletores aqui em estudo, pode-se deduzir que os terraços não ocuparam um papel central no sistema de assentamento, tanto em termos de freqüência e densidade artefatual, quanto da existência de sítios arqueológicos evidenciados.

Em Xingó apenas os sítios Justino e São José II apresentaram remanescentes culturais comprovadamente de ocupações de caçadores coletores, sendo relevante destacar que ambos estão localizados nas curvas do rio e na confluência de dois importantes riachos: o Justino, no riacho Curituba; e o São José, no Talhado.

Em função das peculiaridades geomorfológicas (existência de suportes rochosos), apenas no riacho Talhado foi possível identificar uma quantidade gigantesca de sítios de registros gráficos (pinturas e gravuras). Nesta área estas condições viabilizaram a existência de amplos abrigos sob rocha do tipo arenítica (formação Tacaratu), com presença de água nos locais mais distantes do rio o ano todo.[6]

No campo hipotético pode-se imaginar que a ocupação destes locais no pediplano como um todo pode ter ocorrido como resposta à necessidade de 'proteção' contra as cheias do São Francisco (independente da violência deste acidente eram notoriamente anuais). Além disso, a título de especulação, estes períodos devem ter significado uma diminuição significativa da dieta do grupo (notoriamente baseada na pesca. Silva 1994; Palmeira 1997). Perante as condições impróprias do rio para pesca, fato que adicionaria novas hipóteses para a carência alimentar observada em alguns esqueletos do Justino (Carvalho 2006).

O que podemos inferir, sobretudo com base em trabalhos etnológicos e etnoarqueológicos; é que, se tratando de caçadores coletores, em Xingó estes grupos poderiam estar constituídos por pequenos bandos, pelo qual a alta mobilidade (residencial e logística) seria marcante, e que dada à sazonalidade de recursos, percorriam os espaços topográficos com maior flexibilidade e em curtos períodos (Lupo 2007, Kipnis 2007).

O caminhar pelos riachos com existência de poços, boqueirões e cacimbas pode ter sido *a solução (estratégia), de amenizar a locomoção na caatinga* (Pacheco e Albuquerque 1999, Jones *et al.* 2003).

Ao longo do tempo, novas necessidades foram aumentando dada à própria complexidade social (observada via ritualidade funerária), exigindo, assim, mudanças nas estruturas sócio-culturais, políticas e econômicas do grupo. Esta variabilidade, por assim dizer, pode ser rastreada via registro arqueológico.

Assim sendo, os terraços fluviais apresentam-se como os locais mais propícios para habitações de grupos de agricultores ceramistas, sobretudo levando em conta as questões sobre o meio físico-biótico. Trata-se de um local mais estável em termos climáticos, mais seguro e com maior número de potencialidades que, de certa forma, responderia às demandas de ordem demográfica (Ab'Saber 1997).[7]

Todavia, não podemos julgar o modo de vida das populações pré-históricas em Xingó exclusivamente por meio das possibilidades e restrições do ambiente, mesmo porque temos consciência de todo o caráter simbólico, religioso e ideológico que regem uma sociedade e que, inclusive, a paisagem assume características peculiares enquanto construção social.

As cheias do rio São Francisco ocorreram independente da intensidade, entretanto podemos inferir que essa "sazonalidade" nas ocupações pode ter respondido a outras diversas questões de ordem ideológica, ritualística, religiosa e simbólica, nessa totalidade (e complemen-

[6] Devemos nos lembrar que não se trata de água corrente, mas acúmulos chamados regionalmente de "poços" (ou pias), mas que responderiam as necessidades cotidianas do grupo.

[7] Em grupos em processo de sedentarização há um aumento significativo das necessidades relativas ao sistema produtivo e de subsistência; a locomoção passa a ser mais difícil, sendo a mobilidade muito mais logística. Obviamente há mobilidade residencial, sobretudo quando no local existe um esgotamento natural dos recursos necessários para o grupo, em nosso caso representado pelas cheias (Dominguez e Britcha 1997). Sobre mobilidade residencial com base em etnologia sul americana vide Costa e Malhano (1987).

taridade) entre: padrões de assentamento; disponibilidade de recursos; universo simbólico-religioso; questões políticas; trocas de informações etc.

Com base nas datações absolutas, inclusive, percebe-se que é a partir do aumento da freqüência e densidade artefatual no sítio Justino, em torno de 2500-3000 A. P., que começam a surgir os novos sítios de terraço, fato que segundo Hitchcok (1987) é esperado, uma vez que a diminuição na mobilidade residencial exige que novas estratégias sejam traçadas, ou seja, um aumento na mobilidade logística, fato que acresce o número de tipos de sítios em uma área, para captação de recursos, desenvolvimento de atividades, para manutenção de território.

Ou seja, parte das atividades sociais passa a ser desenvolvida além da habitação ou em áreas específicas (*id. ibidem*: 415).

As inquestionáveis cheias do São Francisco, por outro lado, exigiriam novas estratégias para acomodação, proteção e segurança do grupo (ou grupos). Neste caso, a maior especulação seria a existência de sítios (aldeias) no pediplano sertanejo, todavia, até o momento não há evidências concretas para confirmação de tal hipótese. Além disso, as faltas de cronologia e de contextos específicos para os sítios de arte rupestre e ocorrências no pediplano restringem até mesmo este exercício especulativo uma vez que não temos certeza sobre quais grupos estariam ocupando estes abrigos e locais: caçadores coletores, agricultores ceramistas ou ambos? Ou mesmo se seriam os grupos que habitaram os terraços.

Por outro lado, temos um aliado em nossas conjecturas. É notório que a organização tecnológica lítica difere das indústrias evidenciadas nas regiões circunvizinhas associadas à tradição Itaparica, por motivos que não podemos apontar com clareza. Os conjuntos líticos evidenciados no pediplano, por meio e coletas sistemáticas de superfície, são similares às indústrias líticas evidenciadas em contexto nos sítios arqueológicos de terraço em Xingó.

De qualquer forma, sem datações absolutas e estudos de conjuntos artefatuais em contextos específicos, preferimos trabalhar no *campo da especulação* que não deixa de ser importante à compreensão da pré-história de Xingó, aliás, somos adeptos da concepção de que na falta de todas as ferramentas para a constituição de uma pesquisa arqueológica aos moldes que aqui temos discutido, nada impede de que a direcionemos para esta tendência de arqueologia de área e, assim, no futuro possa-se dar continuidade aos trabalhos.

Ainda no plano reflexivo sobre ocupações em terraços fluviais, apresentamos o excelente texto de Maria Heloísa Fénelon Costa e Hamilton Botelho Malhano (1987) sobre '*habitações indígenas brasileiras*', que apresenta duas realidades muito interessantes para extrapolação dos nossos dados empíricos, uma vez que, sobretudo no Nordeste (Matta 2005), não há como realizar comparações baseadas em correlações cultura material/ língua ou etnia, pois não há nenhum grupo que ocupara a área em longa duração. Ao contrário, conforme apresentado por Souza (1996: 15), muitos grupos indígenas nordestinos passam pelo processo de 're-invenção' das tradições como forma de reconhecimento legítimo de suas 'indianidades'.

Inicialmente sobre as aldeias Karajá localizadas às margens do rio Araguaia. Costa e Malhano indicam que conforme informações de Krause (1940/44, *apud* Costa e Malhano 1987), em período histórico o grupo indígena fazia uso de dois compartimentos geomorfológicos para o estabelecimento de suas aldeias (sítios bases), conforme a estação do ano e, conseqüentemente, dinâmica do rio. A aldeia de verão "... constituída de uma fileira de casas, acompanhando irregularmente o curso do rio" e a aldeia da estação chuvosa, que ficavam, em alguma, situações a grande distância do rio "... freqüentemente levantadas sobre elevações, o que torna difícil achá-las". Ainda segundo os autores, atualmente as aldeias de verão deixaram de existir, uma vez que os assentamentos passaram a ser implantados em barrancos elevados a 3 ou 4 metros do nível do rio Araguaia.

> "Em todas as aldeias, os barrancos ou as rampas são os lugares onde se desenvolvem atividades públicas, tais como: locais de ancoragem das canoas dos pescadores e dos viajantes [...]: lugares de abastecimento d'água para os moradores das casas que não possuem poço; locais para a coleta de barro [...]; lugares do banho em família ou individual, e lavagem de roupa" (Costa e Malhano 1987: 60).

Entre os Omágua, grupo falante do Tupi, extinto, mas com relatos etnográficos do XVI, XVII e XVIII, também havia uma distinção entre aldeias em períodos de estiagem e períodos chuvosos. Localizado entre os rios Japurá, Coari e Purus (ambos afluentes do Amazonas); os Omágua implantavam extensas aldeias ao longo da margem dos rios. A estratégia do grupo encontrada para as épocas das cheias era a manutenção nas habitações de: "... Plataformas feitas de casca de árvore [que] serviam de refúgio aos moradores quando as águas subiam" (*id.* 1987: 30).

Obviamente isso não significa uma analogia direta para Xingó, mesmo porque temos outra realidade ambiental. Os exemplos foram usados exclusivamente para compreendermos que há estratégias culturais para supressão de problemas. Além disso, acreditamos que os exemplos etnográficos são norteadores da pesquisa em Arqueologia, um modo de não ficarmos desprendidos de uma realidade empírica, do que é possível ou não fazer.

Certamente há discordâncias sobre o modelo aqui adotado e anteriormente apontado por outros autores (Luna 2001, Vergne 2004), sobretudo no tocante a indicação de que os sítios de terraço teriam sido utilizados como base/habitação (e cemitério), alegando-se principalmente o regime de cheias do rio.

Todavia, a observação sistemática dos atributos formais e tecnológicos dos artefatos, os contextos específicos das estruturas evidenciadas no solo de ocupação dos sítios (concentração, diversidade e flexibilidade dos conjuntos artefatuais), a distribuição espacial destes sítios e suas relações com a paisagem (além dos exemplos etnográficos); permitem a afirmação de que alguns sítios (no nosso caso Justino, Curituba I e Vitória Régia I), tiveram diferentes "funções" ao longo do tempo, mas que, principalmente, ocuparam um papel central no sistema de assentamento regional de terraços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em Xingó foi um desafio em todas suas etapas, principalmente se pensarmos na complexidade que envolve todas as questões arqueológicas para a área: 1) seus conjuntos artefatuais não apresentam similaridades com as áreas circunvizinhas, sobretudo as ferramentas líticas e a tecnologia cerâmica; 2) o sítio Justino apresentou datações antigas em torno de 9000 anos A.P., surgimento da tecnologia cerâmica no holoceno médio, por volta de 4500 anos A. P., sem falar na quantidade de esqueletos evidenciados.

Em função dessas e outras tantas características, discussões arqueográficas, metodológicas e conceituais surgiram (e surgem), relacionadas ao Justino. Por ser um sítio em terraço fluvial, área sujeita à dinâmica de um grande rio, o São Francisco – que tem cooperado efetivamente para as mudanças na paisagem ao longo dos anos (e, diga-se de passagem, muitos anos) – ; espera-se encontrar um assentamento com estratificação no mínimo complicada, além de desarranjos estruturais que, *a priori*, não possibilitariam (ou permitiriam) uma sistematização coerente dos dados empíricos em função dos prováveis movimentos verticais das peças, misturas entre camadas arqueológicas, impossibilitando uma compreensão inequívoca do que preferimos denominar *solos paleoetnográficos de ocupação* por meio do método de superfícies amplas.

Nossa intenção, a princípio, era estudar exclusivamente a *organização tecnológica líticada Área 03*. Quando nos propusemos a mudar o eixo da pesquisa, voltando para uma perspectiva intra-sítio do Justino com vistas à compreensão dos demais assentamentos que, supostamente, representavam o surgimento de novas estruturas sócio-culturais e econômicas, marcadas pelo advento da cultura cerâmica e semi-sedentarização do grupo; sentimos muito receio de lidar com todas essas questões. Não era um desafio, era necessário buscar dados concretos nos solos de ocupação dos sítios e na paisagem de forma que pudéssemos entender e explicar Xingó.

Para tanto, precisávamos entender o rio, a caatinga, os diferentes compartimentos componentes da paisagem e, sobretudo, elucidar o contexto sistêmico em um exercício reflexivo de como seria o modo de vida e dinâmica cultural em nossa área de pesquisa, buscando possibilidades e limitações para questões acerca da mobilidade, da realização das atividades cotidianas, das seqüências operacionais e, conseqüente, organização tecnológica, da função de sítios e do sistema regional de assentamento. Buscar modelos mais assertivos do que inferidos onde o contexto arqueológico nos habilitasse em condições reais para interpretarmos o sistêmico.

Foi nesse momento que passamos a nos interessar pela paisagem ("arqueológica") e que descobrimos o conceito de *persistent places* (Schlanger 1992). Derivado/extraído da abordagem de *lugar*, assim como outros tantos ramificados de um dos mais importantes e interessantes artigos de Lewis R. Binford (1982), em que o autor amplia a noção de sítio arqueológico, sem desmerecê-lo, mas apontando para a necessidade de compreensão dos *não-sítios* e, principalmente, da importância em entender as inter-relações entre sítios contemporâneos de uma área.

Para tanto, teve como alicerce os preceitos estabelecidos no estudo com os Nunamiut, em que Binford inaugura na literatura a *etnoarqueologia*, estabelecendo os princípios da *teoria de médio alcance* para a Arqueologia que, grosso modo, seguiria os parâmetros do método hipotético-dedutivo sob a égide, sobretudo *hempeliana*, de estágios sucessivos da observação: 1) formação de hipótese em forma de uma lei geral; 2) dedução das conseqüências dessa lei; 3) composição destas conseqüências com o que é observado (Jevons 1959, *apud* Losee 1979: 170).

Entre um dos vários resultados dessas observações sistemáticas com sociedades viventes, Binford indica que existe uma imensa diferenciação entre os assentamentos contemporâneos, de acordo com o tipo de atividade que foi desenvolvida do local, época do ano (sazonalidade) e, principalmente, conforme as estratégias utilizadas pelo grupo para supressão de suas necessidades. O trecho abaixo é extremamente esclarecedor, não necessitando de qualquer análise interpretativa por nossa parte:

> "Foi nisso que me concentrei. Fui expandindo meu interesse em aprender mais sobre esse mundo. Então eu adquiri condições de estabelecer índices de como se transportava a carne na primavera. A seqüência de partes anatômicas que eles usavam no outono, o transporte

> para a base residencial, que era diferente do que era consumido no acampamento. Sabia a quantidade de alimentos que era comida por gênero no acampamento, e as várias formas de cozimento dos alimentos. Tudo isso de maneira associada, e que teve início somente com o estudo do caribu. Então eu voltei com uma boa compreensão de como o sistema cultural dos Esquimós estava integrado intelectualmente, em termos de trabalho, organização de atividades, produção de sítios arqueológicos, e o mais importante como ficavam os ossos do caribu depois de ter sido processado de vários modos" (Binford 2006: 98).

Passamos a entender essa dinâmica com base no conceito de lugares persistentes (Schalanger 1992). Discorrer sobre *lugares persistentes* é diferente de falar em *multicomponencialidade,* isto é, o uso do primeiro pressupõe que houve (ou há) no local sob intervenção, condições tais que permitiram sua ocupação e reocupação em longa duração, diferente de um único sítio (ou conjunto de sítios) com níveis líticos e lito-cerâmicos.

Um sítio (ou sítios) multicomponencial pode ser integrante de um lugar persistente, mas a abordagem implica na *ampliação da noção de sítio arqueológico*, compreendendo os espaços sociais, os *não-sítios*, as ocorrências arqueológicas; muito próximo ao que Mauss definiu como *domínio* em sua noção de estabelecimento (1974), todavia em um sentido mais específico para o uso em Arqueologia, pois sob a ótica dos *lugares persistentes* pressupõe-se a paisagem em sua totalidade, em que o *Locus* de ocupação ultrapassa o sítio arqueológico, estando constituído por elementos bem demarcados no sistema sóciocultural por meio de fronteiras estabelecidas enquanto elemento de significação (mesmo que fluídas), e formados por todos os locais de uso continuado, tanto em uma perspectiva sincrônica, quanto diacrônica.

Dessa forma, a intenção do conceito é mapear a utilização em longa duração dos *Loci,* refletindo sobre as condições que permitiram certas escolhas/estratégias e as inter-relações entre sociedade *versus* meio que, ao final desse doutoramento, nos aparece de maneira distinta do que concebíamos.

Uma das principais causas que incitou essa mudança foi a leitura de *Ensaio sobre as variações sazoneiras das sociedades esquimó* que, a princípio, se deu frente à necessidade de compreender o "conceito de estabelecimento" (ou assentamento). O estudo de Marcel Mauss sobre a *morfologia social Esquimó,* definido como: "... a ciência que estuda, não apenas para descrevê-lo, mas também para explicá-lo, o substrato material das sociedades, isto é, a forma que elas ostentam ao se estabelecerem no solo, o volume e a densidade da população, a maneira como esta se distribui, bem como o conjunto das coisas que servem de base para a vida coletiva" (Mauss 1974: 237), teve como preocupação conceitual-reflexiva e explicativa a compreensão de como essa morfologia estaria conexa com as demais características estruturais de uma sociedade, prenunciando a tríade que o autor discutiria em vários *ensaios*: biológica, psicológica e social.

Foi por meio da remontagem desses contextos que nos permitiu averiguar e acreditar *em lugares persistentes em Xingó*, representados pelo uso continuado de compartimentos bem definidos da paisagem, interconectados, e indicando as escolhas realizadas pelo grupo (ou grupos) em detrimento de outras possíveis. O uso das *áreas de curva do rio* para a base residencial, a escolha de locais propícios para a pesca, da mobilidade mapeada pelos registros rupestres e ocorrências, enfim, a disposição espaço-temporal do contexto arqueológico permitiu a elucidação dos sistemas de significação, pelo menos em parte, que constituíam as estruturas sócio-culturais do grupo enquanto *sociedade*.

Assim, definimos cinco lugares persistentes em Xingó, ancorados nos pressupostos de Binford de *complexo situacional de sítios* e caracterizados pelo uso em longa duração pelos grupos pré-históricos, a saber:

• Complexo 01: sítios de curva de rio, local propício ao estabelecimento de sítios residenciais em função das *potencialidades* e, em nosso caso, comprovado pelo registro arqueológico.

• Complexo 02: áreas das cachoeiras, compreendidas como locais propícios à pesca, inclusive em tempos históricos, sobretudo em época de piracema. Os sítios Topo, Tanques e Ouro Fino trazem em seus registros os indicativos de tais atividades.

• Complexo 03: sítios dispostos ao longo dos terraços, com remanescentes culturais distribuídos de forma a indicar seus usos como acampamentos temporários de atividades especializadas e, no caso do Vitória Régia I, mais tardiamente, como habitação.

• Complexo 04: riachos intermitentes que serviriam como rotas de acesso entre os terraços e o pediplano sertanejo.

• Complexo 05: abrigos com presença de registros rupestres.

Portanto, entre indagações e hipóteses, surgiram considerações significativas sobre o *sistema de assentamento em terraços* para a Área Arqueológica de Xingó que não explicam a área em todas as suas particularidades, mas que cooperam para estabelecer um quadro referencial sobre Xingó, fornecendo dados importantes para nortear pesquisas futuras, inclusive que poderão refutar nossas inferências e explanações, afinal isso é *fazer ciência*, uma vez que não há saber cristalizado/imortalizado, ao contrário todo conhecimento é construído, desmontado, pensado, refletido, para novamente ser reconstruído,

desmontado, etc. Acreditamos que uma das metas dos estudos científicos é a elaboração de interpretações sistemáticas dos fenômenos e, dessa forma, toda e qualquer ciência é falível, sobretudo quando se trabalha com parcelas do comportamento humano.

Sobre o autor

*Marcelo Fagundes (*marcelo.fagundes@ufvjm.edu.br*), Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo é Professor Adjunto do Instituto de Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), campus Diamantina, estado de Minas Gerais, Brasil. É coordenador do Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem da UFVJM onde tem desenvolvido, juntamente com uma equipe multidisciplinar, pesquisas sistemáticas na região do Alto vale do rio Jequitinhonha, estado de Minas Gerais.*

REFERÊNCIAS CITADAS

Ab'Saber, A. N. 1997. *O homem dos terraços de Xingó.* Documento 6. UFS/PAX/PETROBRAS/CHESF.

Binford, L. R.

— 1982. The Archaeology of place. *Journal of Anthropological Archaeology* 1: 5-31.

— 1983a. Evidence for differences in content redundancy for residential versus special purpose. In *Working at Archaeology*, pp. 326-336. New York: Academic Press.

— 1983b. Interassemblage variability: the Mousterian and the functional argument. In *Working at Archaeology*, pp. 131-156. New York: Academic Press.

— 1983c. Organization and formation processes: looking at curated technologies. In *Working at archaeology*, pp. 269-286. New York: Academic Press.

— 1987. Researching ambiguity: frames of reference and site structure. In *Method and theory for activity area research and ethnoarchaeological approach*, ed. by S. Kent, pp. 449-522. New York: Columbia University Press.

— 1990. Mobility, housing, and environment. *Journal of Anthropological Research* 46 (1): 119-152.

— 1992. Seeing the present and interpreting the past – and keeping things straight. In *Space, time and archaeological landscapes*, ed. by J. Rossignol & L. Wandsnider pp. 43-59. New York: Plenum.

— 2001. *Constructing frames of reference – an analytical method for archaeological theory building using hunter-gatherer and environmental data sets.* Berkeley: University of California Press.

— 2006. Video Conferência. In *Xokleng 2860 a. C.: as terras altas do sul do Brasil: transcrições do seminário de arqueologia e etnohistória*, ed. M. A. de Masi. Tubarão, SC: Unisul.

Bradley, R. 2000. *Archaeology of Natural Places*. London: Routledge.

Carvalho, O. A. 2006. *Contribution a l'archéologie bresilienne: étude paléoanthropologique de deux nécropoles de la region de Xingó, état de Sergipe, Nord-est du Brésil.* Thèse nº 3802. Genève: Université de Genève. 506 pp.

Costa, M. H. F. e H. B. Malhano. 1987. Habitação indígena brasileira. In *Suma Etnológica Brasileira*, ed. D. Ribeiro, vol 2, pp. 27-92. Rio de Janeiro: Vozes/Finep.

Dantas, V. J. e T. A. Lima. 2007. *Pausa para um banquete: análise de marcas de uso em vasilhames cerâmicos pré-históricos do sítio Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe.* Aracaju: MAX/UFS.

Gamble, C. 2001. *Archaeology: the basics.* London: Routledge.

Fagundes, M.

— 2007. *Sistema de assentamento e tecnologia lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil.* Tese de Doutoramento. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

— 2009. O conceito de paisagem em arqueologia: os lugares persistentes. *Holos Environment* 9 (2).

— 2010. Organização Tecnológica das Indústrias Líticas da Área 03 em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil. Recife: *Revista CLIO* (no prelo).

Fagundes, M. e Mucida, D. P. 2009. *Estudo Teórico sobre o Uso Conceito de Paisagem em Pesquisas Arqueológicas.* CINDE (no prelo).

Hitchcock, R. K. 1987. Sedentism and site structure: organizational change in Kalahari residential locations. In *Method and theory for activity area research*, ed. by S. Kent, pp. 374-423. New York: Columbia University Press.

Jones, G. T. *et al.* 2003. Lithic source use and paleoarchaic foraging territories in the Great Basin. *American Antiquity* 68 (1): 5-38.

Kipnis, R. 2002. *Foraging societies of Eastern Central Brazil: an evolutionary ecological study of subsistence strategies during the terminal pleistocene and Early/ Middle Holocene.* Unpublished Ph.D. dissertation. Michigan: The University of Michigan.

Dominguez J. M. e Britcha, A. 1997. *Estudos sedimentológicos a montante da UHE de Xingó.* Relatório de Consultoria, Documento 4. São Cristóvão: UFS/CHESF/ PETROBRAS.

LEROI-GOURHAN, A.
— 1950. *Le fouilles préhistoques: tecniques et méthodes.* Paris: Picard.
— 1984a. *Evolução e as técnicas (o homem e a matéria).* Lisboa: Edições 70.
— 1984b. *Evolução e as técnicas (o meio e as técnicas).* Lisboa: Edições 70.
LÉVI-STRAUSS, C. 1967. *Antropologia Estrutural I.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
LOSEE, J. 1979. *Introdução histórica à filosofia da ciência.* Coleção Homem e a Ciência.São Paulo: Itatiaia/Edusp.
LUNA, S. C. A. 2001. *As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco, Brasil.* Tese de Doutoramento. Recife: UFPE.
LUPO, K. D. 2007. Evolutionary foranging models in zooarchaeological analysis: recent applications and futures challenges. *Journal of Archaeological Research* 15: 143-189.
MATTA, P. 2005. *Dois elos da mesma corrente. Uma etnografia da corrida do imbu e da penitência entre os Pankararu.* Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP.
MAUSS, M. 1974. Ensaio sobre as variações sazoneiras das sociedades esquimó. In *Sociologia e Antropologia*, pp. 237-331. São Paulo: Edusp.
MELLO, A. C. 2005. *Uma perspectiva tecnológica para o estudo da indústria lítica dos sítios cemitérios da região de Xingó.* Dissertação de Mestrado. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe.
MORAIS, J. L. DE.
— 1999. A Arqueologia e o fato geo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo* 9: 3-22.
— 2000. Tópicos da Arqueologia da Paisagem. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo* 10: 3-30.
— 2006. Reflexões acerca da arqueologia preventiva. In *Patrimônio: atualizando o debate*, ed. Mori *et al.*, pp. 191-220. Brasília: IPHAN.
— 2007. *Tecnologia lítica. A utilização dos afloramentos litológicos pelo homem pré-histórico brasileiro: análise do tratamento de matéria-prima.* Erechim: Editora Habilis.
PACHECO, L. M. S. E P. T. S. ALBUQUERQUE. 1999. O Lajedo Soledade: um estudo interpretativo. In *Pré-história da Terra Brasilis*, ed. M. C. Tenório, pp. 113-133. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
PALMEIRA, A. 1997. *A Restos alimentares faunísticos na área de Xingó.* Documento 11. PAX/UFS.
SACKETT. J. R. 1982. Approaches to style in lithic archaeology. *Journal of Anthropological Archaeology* 1: 59-112.
SANTOS, J. O. E C. S. MUNITA. 2007. *Estudos arqueométricos de sítios arqueológicos do Baixo São Francisco.* Aracaju: MAX/UFS.
SCHIFFER, M. B.
— 1983. Toward the identification of formation processes. *American Antiquity* 48: 675-706.
— 1987. *Formation processes in the archaeological record.* Albuquerque: University of New Mexico Press.
— 2005. The devil is in the details: the cascade model of invention processes. *American Antiquity* 70 (3): 485-502.
SCHLANGER, S. 1992. Recognizing persistent places in Anasazi settlement systems. In *Space, time, and archaeological landscapes*, ed. by Rossignol & Wandsnider, pp. 91-112. New York & London: Plenum Press.
SILVA-MENDES, G. L. 2007. *Caçadores coletores na serra de Paranapiacaba durante a transição do Holoceno médio para o tardio (5920 a 1000 anos A.P.*). Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
SILVA, C. C. 1994. *Análise inicial dos restos biológicos do sítio Justino.* Relatório de Atividades. PAX/UFS.
SOUZA, J. B. S. 1996. *Fazendo a diferença: um estudo da etnicidade entre os Kaimbé de Massacará.* Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia.
VERGNE, M. C. DE S. 2004. *Arqueologia do Baixo São Francisco estruturas funerárias do sítio Justino, região de Xingó, Canindé de São Francisco, Sergipe.* Tese de Doutoramento. São Paulo: MAE/USP.
ZERRIES, O. 1976. *A organização dual e imagem do mundo entre os índios brasileiros.* In *Leituras de Etnologia brasileira*, ed. E. Shaden, pp. 87-126. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

 ISSN 1989–4104

© ARQUEOLOGIA IBEROAMERICANA 6 (2010), 25–38. ISSN 1989–4104. <http://www.laiesken.net/arqueologia/>

MONUMENTOS FUNERARIOS Y FESTEJOS RITUALES: COMPLEJOS DE RECINTOS Y TÚMULOS TAQUARA/ITARARÉ EN ELDORADO, MISIONES (ARGENTINA)

José Iriarte,[*] Óscar Marozzi[**] y Christopher Gillam[***]

* University of Exeter, Reino Unido; ** Laboratorio de Arqueología del Paisaje y Patrimonio del Uruguay; *** University of South Carolina, EUA

RESUMEN. *A partir de 1000 d. C, durante un periodo de grandes cambios ambientales, surgió en el altiplano meridional brasileño y el noreste argentino una tradición monumental de complejos de recintos geométricos y túmulos funerarios asociados a áreas de festejos rituales mortuorios, donde probablemente se consumía carne asada en hornos de tierra y se tomaban bebidas obtenidas a partir del maíz. Utilizando información etnohistórica sobre las prácticas funerarias de los grupos Jê meridionales y la comparación con sitios arqueológicos del sur de Brasil, este artículo se centra en la interpretación de las nuevas excavaciones realizadas en el sitio PM01, Eldorado, Misiones, Argentina.*

PALABRAS CLAVE: *Argentina, Brasil, Taquara/Itararé, Jê meridionales, Kaingang, complejidad emergente, arquitectura pública, túmulos funerarios, recintos ceremoniales, festejos.*

Recibido: *3-6-2010.* ***Aceptado***: *8-6-2010.*

TITLE: *Funerary monuments and celebration rituals: Taquara/Itararé enclosure and mound complexes in Eldorado, Misiones, Argentina.*

ABSTRACT. *Starting around AD 1000, during a period of major environmental changes, a monumental tradition emerged in the southern Brazilian highlands, which was characterized by geometric enclosures and burial mounds associated to the practice of funerary and post-funerary ritual feasting where possibly meat delicacies where cooked in earth ovens and maize-based beverages were drank. Using ethnohistoric information of southern Jê groups' burial practices as a point of departure this article focuses on the interpretation of the new excavations carried out in site PM01, ElDorado, Misiones, Argentina.*

KEYWORDS: *Argentina, Brazil, Taquara/Itararé, southern Jê, Kaingang, emergent complexity, public architecture, burial mounds, ceremonial enclosures, feasting.*

INTRODUCCIÓN

Los antropólogos y arqueólogos que han estudiado el Neolítico en el Viejo Mundo y el Formativo en América se han preocupado por el estudio de las relaciones entre los muertos y los vivos y en particular con los roles sociales e ideológicos de los monumentos funerarios, así como la valoración y uso de estos monumentos funerarios por las sociedades que les sucedieron (por ej.: Fleming 1973, Beck 1995, Dillehay 1995, Barrett 1996). Estas preguntas se han focalizado en intentar entender de qué manera la emergencia de las prácticas mortuorias monumentales refleja cambios en la subsistencia, el crecimiento de la población, la jerarquización social incipiente, la territorialidad y la ideología (por ej.: Renfrew 1973, Bradley 1998, Carr y Case 2005, Dillehay 2007). En las tierras altas del altiplano meridional brasileño se desarrolló la cultura prehispánica denominada *Tradición Taquara/Itararé*, la cual creó construcciones monumentales en tierra incluyendo complejos de recintos geométricos con túmulos funerarios en su interior, alguno de los cuales presenta avenidas de entrada marcadas por terraplenes paralelos (Iriarte *et al.* 2008).

Esta es una de las pocas regiones en el mundo donde la construcción de túmulos funerarios por los grupos Jê meridionales y sus ceremonias asociadas han sido registrados por los cronistas europeos durante los siglos XVII-XIX e investigados por etnógrafos durante el XX (Baldus 1937, Becker 1976, Crépeau 1994, Maniser 1930, Métraux 1946, Paula 1924, Silva 2001; Veiga 2000, 2006; entre otros). Entendemos que la comparación de las prácticas prehispánicas y las históricas más tardías nos puede ayudar a entender el rol que jugaron los monumentos sepulcrales y los ritos pos-funerarios en la emergencia de las sociedades complejas en términos más generales. Este artículo presenta una síntesis de la tradición Taquara/Ita-

raré de monumentos construidos en tierra basada en nuestras recientes investigaciones en el complejo de recintos y túmulos de Eldorado (Misiones), noreste de Argentina.

LA APARICIÓN DE LOS COMPLEJOS DE RECINTOS Y TÚMULOS DE LA TRADICIÓN TAQUARA/ITARARÉ

Definida inicialmente por Menghin (1957) en la Provincia de Misiones (Argentina) como Eldoradense, la Tradición Taquara/Itararé (Beber 2005), también denominada como los grupos Jê meridionales (Noelli 2000, 2005), se extiende a lo largo de los estados brasileños de Paraná, Santa Catarina y Rio Grande do Sul y por el área adyacente de la provincia de Misiones (Argentina) y Paraguay (fig. 1) —ver una descripción detallada de la historia de las investigaciones en Beber (2005) y Noelli (2005)—. Esta cultura, que data de *c*. 220 a. C. y, posiblemente, de 2860 a. C. (De Masi 2006) —ver también Iriarte y Behling (2007) e Iriarte *et al.* (2008)—, se caracteriza por un estilo cerámico distintivo, la construcción de casas subterráneas en las zonas altas del altiplano, la práctica de una economía mixta incluyendo la recolección del piñón de pino Paraná (*Araucaria angustifolia*), la caza, la pesca y la horticultura. Análisis de isótopos de carbono realizados en huesos humanos (De Masi 1999) y en residuos carbonizados extraídos de tiestos cerámicos en el sur de Santa Catarina (De Masi 2007), así como los análisis de fitolitos de residuos carbonizados de tiestos cerámicos en el sitio PM01 (Misiones, Argentina) (Iriarte *et al.* 2008), indican que el consumo de maíz formó parte de la dieta de estos grupos.

Pero lo más importante para el tema central de este artículo es que los grupos Taquara/Itararé se distinguen por la construcción de elaborados complejos de recintos geométricos y túmulos. Estos monumentos de tierra se ubican en lugares dominantes del paisaje, generalmente en la cima de las colinas con excelente visibilidad de su entorno. Denominados localmente como *danceiros* en Brasil, estos recintos presentan planos geométricos de forma circular, elíptica y de cerradura (fig. 2). Los muros de los recintos presentan en general de 3 a 6 m de ancho y varían entre 20 y 180 m de diámetro. Los mismos pueden exhibir anillos asociados generalmente de menor tamaño. La mayoría de los recintos contienen túmulo(s) central(es) (de 1,5 a 20 m de diámetro y 0,7 a 3 m de alto), muchos de los cuales se construyeron sobre enterramientos, generalmente cremados, en asociación con unos pocos instrumentos líticos o cerámicos (por ej.: sitio RS-PN-31). Sin embargo, recientes prospecciones y excavaciones en el norte de Rio Grande do Sul y sur de Santa Catarina están evidenciando no sólo una gran variabilidad en el plano arquitectónico de estos monumentos, sino también en el tipo de tumbas que se dan en tales túmulos (Copé 2007; De Masi 2005, 2009; Saldanha 2005, 2008; Souza 2007). En algunos de ellos, se presentan enterramientos múltiples, los cuales en algunos casos, por ejemplo en el sitio RS-PN-29, presentan diferente tratamiento mortuorio como la presencia de enterramientos primarios y secundarios en un mismo montículo (Silvia Copé 2009, comunicación personal; ver también Massi 2009). En algunas regiones, los complejos de recintos y montículos aparecen formando grupos, como es el caso de las localidades de Eldorado, Anita Garibaldi, Campos Novos y Pinhal da Serra. En esta última localidad, la distribución de los recintos en el paisaje sugiere que los mismos fueron construidos de manera estratégica en la intersección de los caminos regionales de tránsito (Saldanha 2005, Copé 2007).

Las dataciones disponibles sugieren que la construcción de estos monumentos coincide con una ocupación más intensa del altiplano meridional brasileño durante el Holoceno Tardío por los grupos Taquara/Itararé (Iriarte y Behling 2007: fig. 7; Iriarte *et al.* 2008, tabla 1), lo cual se corresponde con un periodo de clima mas húmedo que está relacionado con la expansión del bosque de *Araucaria* a expensas de las praderas (ver resumen en Iriarte y Behling 2007). Algunos autores como Bitencourt y Krauspenhar (2006) argumentan sobre la posibilidad de que el hombre jugase un rol fundamental en la expansión del bosque de *Araucaria* durante este periodo. Más investigación paleoecológica y arqueológica en la región proveerá datos más detallados para ampliar esta discusión. La génesis de dicha tradición monumental se incrementó después de 1000 A. D. Éste es un periodo en donde, a nivel de las tierras bajas sudamericanas, se dio un desarrollo de las culturas regionales, un incremento de la población (reflejado en el aumento del número de sitios), la adopción de formas de producción de alimentos más intensivas, y tuvo lugar la migración de grupos a lo largo de grandes distancias. Retornaremos a este tema con más detalle al final del artículo.

LAS EXCAVACIONES EN EL COMPLEJO DE RECINTOS Y TÚMULOS DE ELDORADO

Se llevaron a cabo tres sesiones de campo durante 2006-2008 en el complejo de trabajos en tierra de la cuenca inferior del río Piray Mini, en el término municipal de la ciudad de Eldorado (Provincia de Misiones, Argentina). Extendiéndose aproximádamente a lo largo de 200 ha, consistían en ocho recintos circulares, dos de los cuales contenían túmulos centrales (fig. 3) (Menghin 1957,

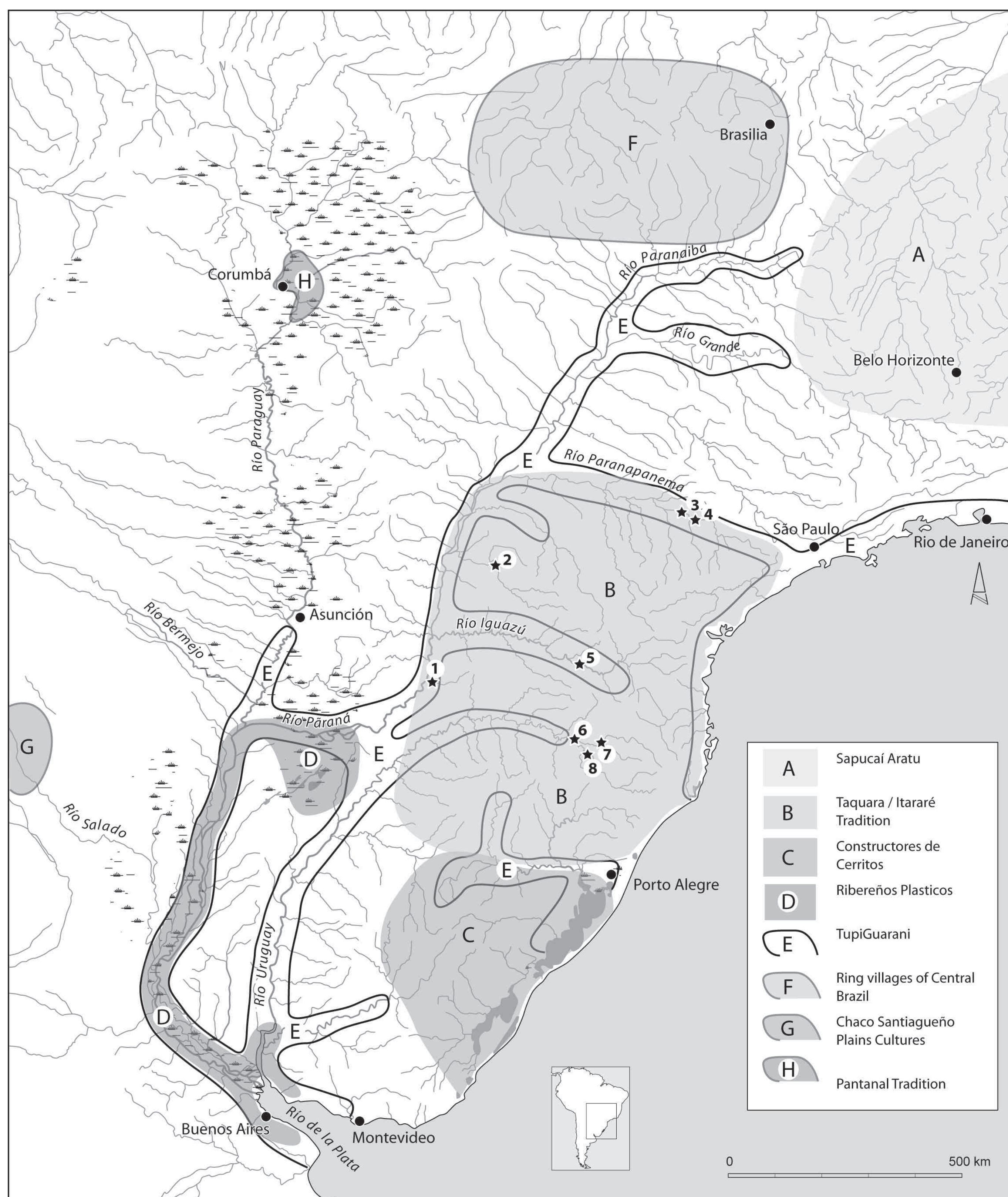


Fig. 1. Mapa ilustrando la ubicación aproximada de las tradiciones arqueológicas en el sureste de Sudamérica durante el Holoceno Tardío y algunos de los complejos de recintos y túmulos Taquara/Itararé mencionados en el texto. 1. PM01 Eldorado; 2. PR-UB-4 Ubirata; 3. SP-IP-8 Itaberá; 4. T3Q1N8, SP, Areia Branca; 5. PR-MN-4 Uribici; 6. SC-AG-12 Campos Novos; 7. SC-AG-99 y SC-AG-98 Anita Garibaldi; 8. RS-PE-21 Pinhal da Serra y RS-PE-31 Esmeralda.

Wachnitz 1984). El sitio PM01 es el mayor y mejor preservado de estos recintos y se localiza sobre un promontorio con vista panorámica de sus alrededores.

Este sitio se caracteriza por un túmulo central (20 m de diámetro y 3 m de alto) localizado en la parte más alta de una colina. Frente a éste, se encuentra un montículo

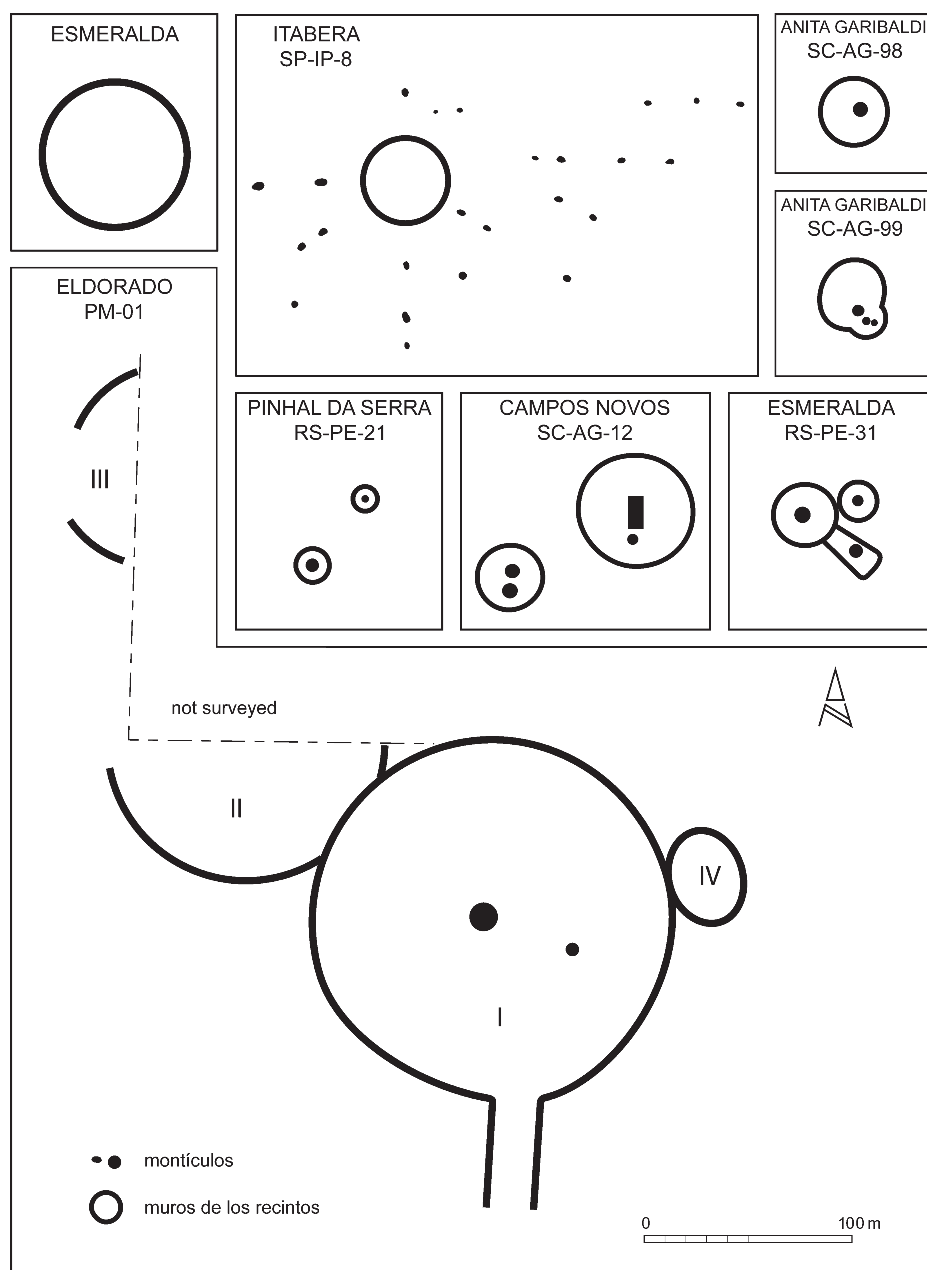


Fig. 2. Muestra de complejos de recintos y túmulos (montículos) del sureste de Brasil y Argentina: Esmeralda y RS-PE-31 (Schmitz y Becker 1991: 293), SP-IP-8 Itaberá (Chmyz *et al.* 1968: 19), SG-AG-98 y SC-AG-99 Anita Garibaldi (De Souza 2007), RS-PE-21 Pinhal da Serra (De Souza 2007), SC-AG-12 Campos Novos (De Masi 2005: 233), PM01 Eldorado (Wachnitz 1984: 207).

menor (10 m de diámetro) ubicado a 45 m al sureste (fig. 4). Rodeando los túmulos, se halla un terraplén circular de tierra de 180 m de diámetro (con muros de hasta 6 m de ancho y 30-40 cm de altitud) denominado Círculo I, el cual está conectado a una avenida conformada por dos terraplenes de 400 m de largo y 18 de ancho (figs. 4 y 5).

La entrada formal al recinto puede haber sido utilizada para enfatizar la orientación del monumento y encaminar a las personas que lo utilizaron a través de la avenida que asciende 30 m desde la base de la colina hasta el túmulo, en lo alto de la misma. La abertura del Círculo I en el sector norte sugiere que uno de los recorridos posibles del monumento podría haber sido que las personas entraran al recinto por la avenida sur, pasaran a través de la plaza entre los dos túmulos y salieran por el norte. En el sector oeste del Círculo I, existen dos círculos más pequeños conectados entre sí, cuyos diámetros pueden ser estimados entre 130 y 90 m. Un anillo más pequeño (*c.* 35 x 45 m) de forma elíptica, denominado Círculo IV, se localiza en el sector este del Círculo I. En su mayor parte, los muros del Círculo I presentan 30-40 cm de alto, pero alcanzan 70 cm cuando se anexa al Círculo II. Hoy día, sólo están preservados el túmulo central y el sector norte del Círculo I. El plano general del sitio PM01 se asemeja a otros recintos Taquara/Itararé donde los círculos están generalmente alineados de NW a SE o SW a NE, y las estructuras más grandes siempre están localizadas en los sectores occidentales de los sitios (De Souza 2007). Hasta el momento, sólo se ha registrado otro sitio, SC-CL-37 (Correia da Silva, Santa Catarina), caracterizado por un recinto circular que presenta una avenida de entrada. Tiene 120 m de diámetro y no presenta túmulos (Reis 1997: fig. 12).

Las excavaciones realizadas previamente por Menghin (1957) y sus colaboradores en el túmulo central del Círculo I y el Círculo 8 no revelaron estratos diferentes, ni tampoco rasgos discretos en el montículo, pero Wachnitz (1984: 174) describió la presencia de fosas en la base de los túmulos de los anillos 1 y 8 (fig. 3) «… en ambos casos debajo de la tierra acumulada [en los montículos], una ligera depresión en forma de palangana con una profundidad no mayor de 70 cm, visible únicamente por la coloración más oscura de la línea que marcaba el desnivel.» La presencia de fosas en la parte basal y central de los túmulos está posiblemente relacionada con enterramientos humanos como los descritos en los relatos históricos de las prácticas mortuorias Kaingang, registrados asimismo en varios sitios arqueológicos recientemente (Copé 2007, Copé y De Souza 2009, De Masi 2005). Las excavaciones de Menghin en el borde oeste del Círculo

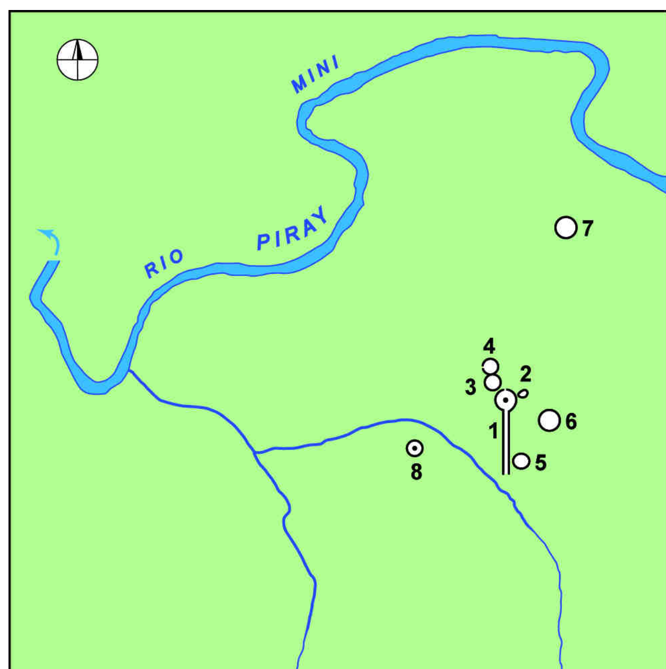


Fig. 3. Mapa esquemático de los ocho conjuntos de recintos y túmulos que existían en la municipalidad de Eldorado (basado en Wachnitz 1984).

I, donde se une al Círculo II, revelaron varios conjuntos de piedra discretos de forma circular, oval y alongada, espaciados de a 30-50 cm debajo del terraplén (Menghin 1957: 33, Wachnitz 1984: 173). Nuestras excavaciones localizaron rasgos similares, como se describirá brevemente a continuación. Se excavaron un total de 35 m^2 en el sector oeste del Círculo I, el cual mostró varias etapas de construcción. En la base del muro se llegaron a descubrir 8 conjuntos de piedra (figs. 6, 7 y 8). Varios de los conjuntos de piedra estaban encima de una capa de carbón, asociados con pequeñas manchas de tierra quemada, fragmentos de troncos de madera quemados, fragmentos líticos y cerámicos, y unos pocos huesos carbonizados no identificados.

Los conjuntos de piedra compactos sólo aparecen en la base del túmulo en este sector del Círculo I. Las dataciones del carbón de dos hornos dieron fechas entre *c.* 1247 (760 ± 40 años ^{14}C) y 1274 A. D. (720 ± 40 años ^{14}C). Estos últimos son sucedidos por episodios de construcción que incluyen concentraciones de carbón, manchas de tierra quemada y pequeños conjuntos de piedra que aparecen de forma dispersa. Las excavaciones realizadas en el sector este del Círculo I revelaron la presencia de conjuntos de piedra menos compactos con una datación de *c.* 1382 A. D. (480 ± 60 años ^{14}C). Estos conjuntos menos compactos de piedra estaban junto a concentraciones de carbón y tierra quemada similares a los descubiertos en el sector oeste. Una pequeña excavación de 1 x 2 m en el Círculo IV, en el sector este del sitio, reveló la presencia de conjuntos de piedra menos compactos que datan de *c.* 1240 A. D. (760 ± 60 años ^{14}C), una fecha que es contemporánea a las dataciones de los conjuntos de piedra en el sector W del anillo.

Los conjuntos de piedra sólo se concentran en la base del muro en el sector W del anillo, en las unidades de sondeo realizadas en el sector este. Se encuentran a lo largo de toda la secuencia estratigráfica del muro del recinto y parecen marcar periodos discretos de construcción del mismo. Las dataciones radiocarbónicas sugieren que la edificación del Círculo I fue ampliamente contemporánea de la construcción del Círculo IV, de donde se obtuvo una fecha de *c.* 1240 A. D. Una comparación de las dataciones radiocarbónicas —teniendo en cuenta las limitaciones de la técnica— en los sectores E y W del Círculo I sugiere que el muro del recinto fue utilizado durante 135 años, aproximadamente, entre principios del siglo XIII y finales del XIV (Iriarte *et al.* 2008). En conjunto, la evidencia disponible sugiere que el Círculo I

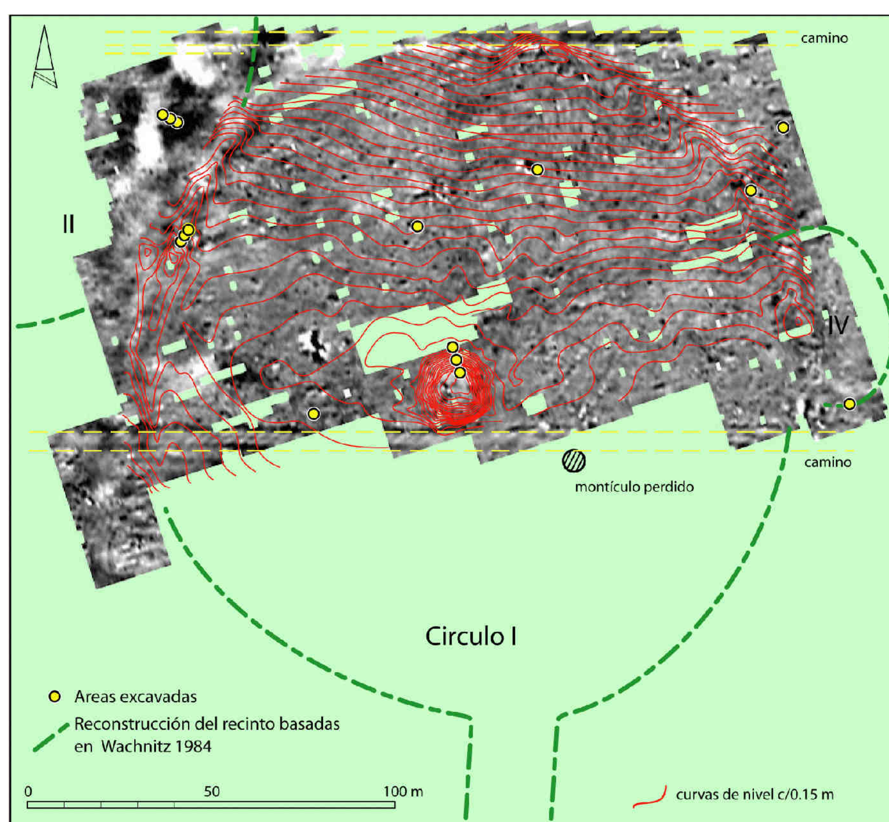


Fig. 4. Mapa geofísico y topográfico del sitio PM01. Las partes reconstruidas del sitio están basadas en Wachnitz (1984: 207).

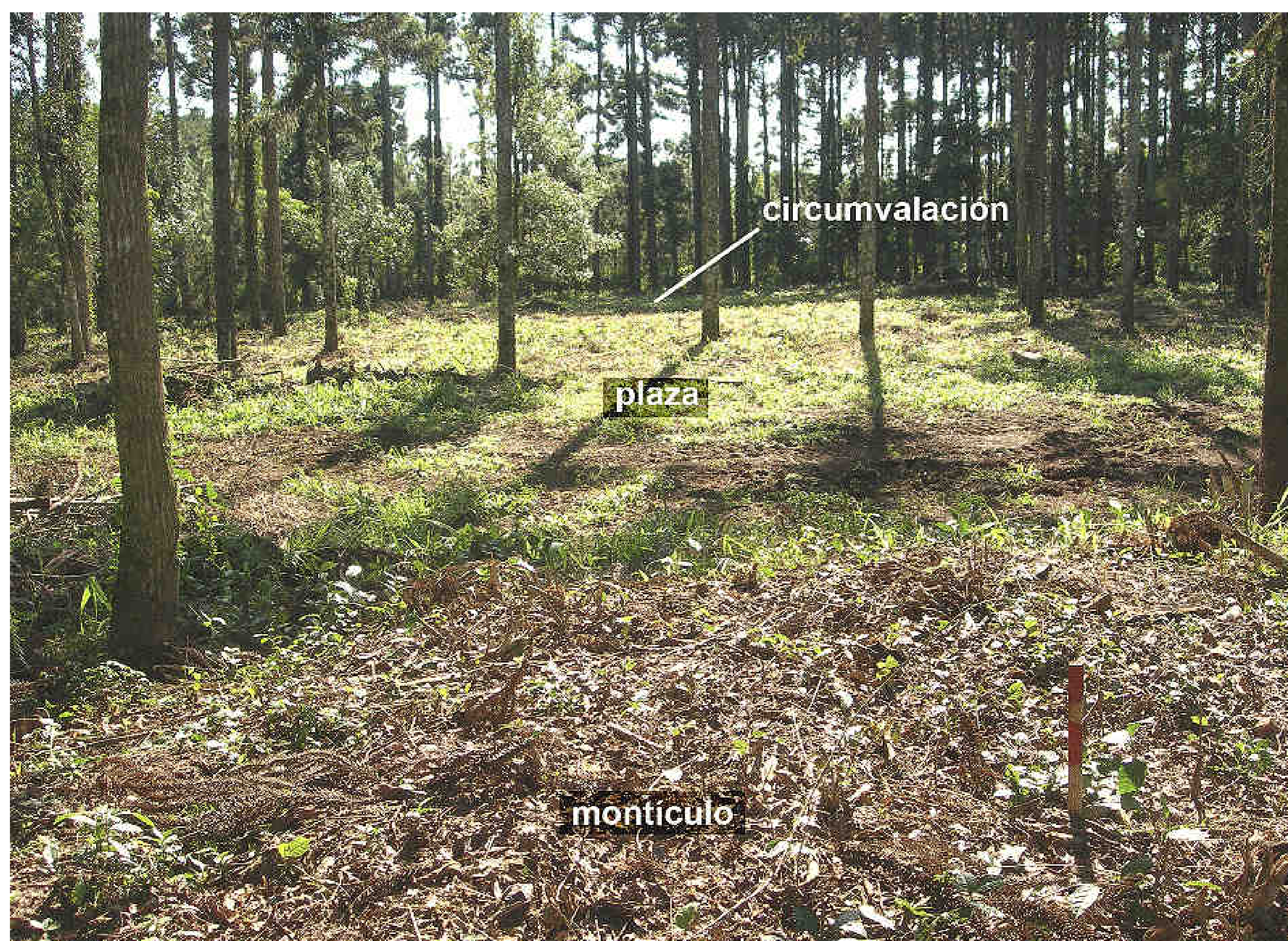


Fig. 5. Vista de la plaza y el muro del recinto desde la cima del túmulo (montículo) central mirando hacia el NE.

creció en varios episodios asociado a la construcción de sucesivos conjuntos de piedra.

La cerámica recuperada en el sitio PM01 se parece en general a las cerámicas de la Tradición Taquara/Itararé (Beber 2005). De manera similar a las formas de las vasijas reconstruidas en otros complejos de recintos y túmulos del altiplano meridional brasileño (Saldanha 2005), representan pequeños «cuencos» que parecen ser vasos para beber o servir (fig. 9) (Iriarte *et al*. 2007, 2008). En los análisis preliminares de fitolitos, efectuados sobre los residuos orgánicos carbonizados de las paredes internas de cuatro tiestos cerámicos asociados a los conjuntos de piedra, documentamos la presencia de la mazorca de maíz, lo cual sugiere que estas cerámicas eran utilizadas para tomar bebidas obtenidas a partir del maíz, posiblemente «chicha» (Iriarte s . f.).

LOS RITOS DE ENTERRAMIENTO KAINGANG

En la época de contacto con los europeos, los grupos Kaingang y Xokleng habitan la región del altiplano meridional brasileño. Estos grupos pertenecen al tronco lingüístico Macro-Jê y, más específicamente, a los lenguajes de los Akwen (Xakriabá, Xavante, Xerente) y los Apinayé de los estados de Minas Gerais, Mato Grosso y Goiás (Noelli 2000, 2005: 178). Los estudios linguísticos (Urban 1992), arqueológicos (Noelli 2000, 2005) y genéticos (Marrero *et al.* 2007) sugieren que los grupos Jê meridionales migraron al altiplano sur brasileño durante el Holoceno Tardío desde el centro de Brasil. El registro etnohistórico de las prácticas mortuorias Kaingang, observadas a comienzos del siglo XX, se ha utilizado previamente para interpretar estos sitios arqueológicos como espacios ceremoniales, en los cuales los grupos Taquara/Itararé dispersos por el paisaje se reunían para enterrar a un jefe importante (por ej.: Chmyz y Sauner 1971, Copé y Saldanha 2002).

Si bien los relatos históricos muestran variación en los diferentes aspectos de las prácticas mortuorias Kaingang, se pueden sintetizar de la siguiente manera. Cuando un jefe Kaingang moría, los jefes subordinados eran notificados y se hacían presentes en la casa del jefe difunto. Los jefes mayores generalmente cargaban el cuerpo del fallecido y lo conducían al lugar de enterramiento. Paula

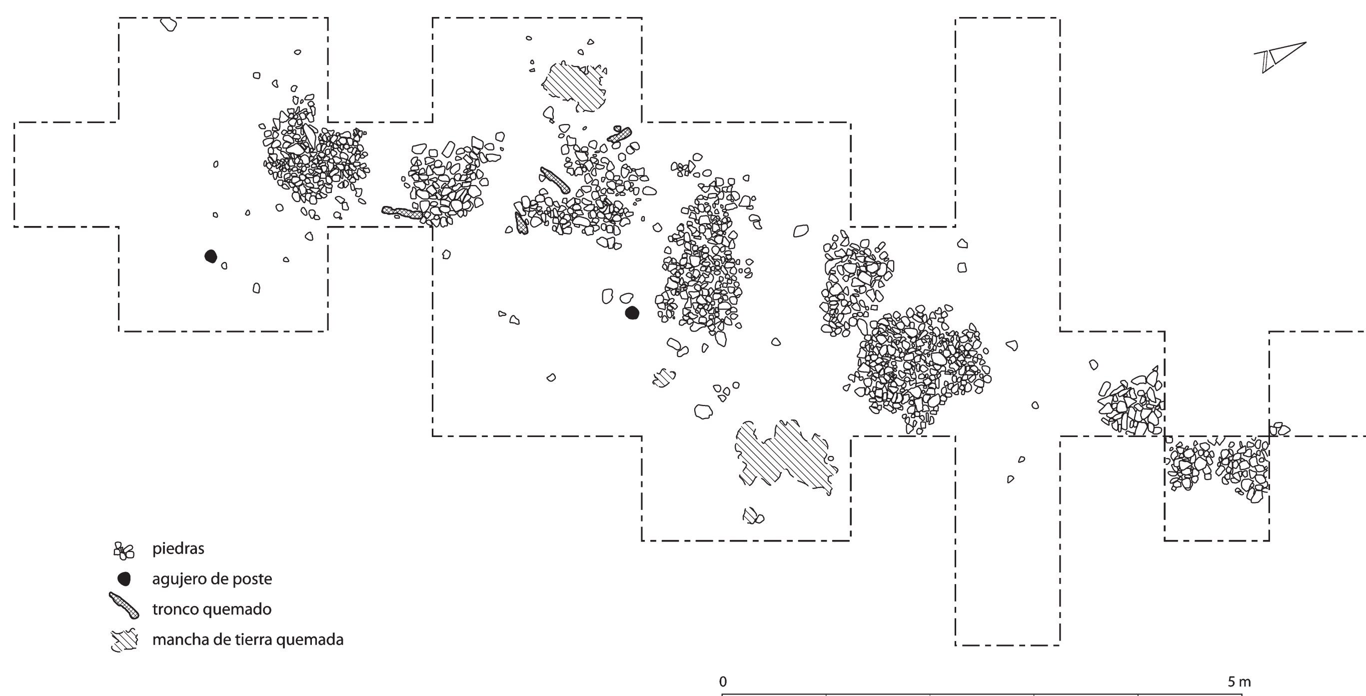


Fig. 6. Plano esquemático de la excavación en el sector oeste del Círculo I.

(1924: 126) nota que ellos excavaban una fosa poco profunda y enterraban al difunto con pertenencias tales como su arco, flecha, hacha y ropa. Métraux (1946: 465), resumiendo la evidencia de varios cronistas, comenta que destruían las propiedades del difunto e imponían un tabú estricto para su nombre. Mabilde (1983: 108-116) narra que ponían una vasija cerca de la cabeza, orientada hacia el este, y luego encendían una hoguera en el sector oeste del cuerpo. Otras descripciones de estos ritos mencionan que se construía una caja de madera o se cubría el cuerpo con hojas de palmera (Maniser 1930: 781). Schaden (1958) también describió cómo los Xokleng cremaban los cuerpos antes de ser enterrados; luego, los grupos que habitaban las zonas aledañas llegaban al funeral y formaban un círculo alrededor del difunto (Métraux 1946). Tras una expresión colectiva de lamentación, el cuerpo del difunto se cubría con tierra y su hijo primogénito era declarado el nuevo jefe. Se invitaba a las personas de las tribus vecinas a consumir vino de miel y construir el túmulo, acarreando cargas de tierra en cestas hasta que el montículo tomaba una forma piramidal. Luego de que el cuerpo era enterrado y se edificaba el túmulo, el lugar de entierro era visitado de manera periódica para mantener el área limpia de vegetación, recordar al muerto con lamentaciones, danzas, cantos y festejos con bebidas. Baldus (1937: 49) menciona que estos encuentros tenían lugar en el otoño, entre abril y junio cuando el piñón del pino Paraná estaba maduro para recolectar y el maíz pronto para cosechar.

En términos de organización política, el relato de Mabilde (1983) indica que existían jefes principales y jefes subordinados. Becker (1976: 111) reporta que alguno de estos jefes importantes estaba al mando de veintitrés tribus. El relato de Mabilde (1983) también indica que la construcción de túmulos funerarios estaba reservada para jefes importantes, mientras que otros ritos funerarios dedicados a los jefes subordinados eran más simples. El hecho de que se depositaran las armas de guerra del jefe como ofrenda funeraria sugiere que estas personas eran probablemente jefes guerreros renombrados. Asimismo, la transferencia del cargo de jefe al primogénito del difunto, durante la ceremonia de enterramiento, indica la herencia de la jefatura. En términos generales, todos estos rasgos descritos en los registros históricos nos sugieren una organización sociopolítica con cierto grado de complejidad.

Existen varias características comunes entre los rasgos de las prácticas mortuorias Kaingang históricas y el registro arqueológico. La mayoría de los túmulos excavados sistemáticamente exhiben restos humanos en la parte basal y central del montículo, acompañados de cerámicas y objetos líticos. La ausencia de estratos distintivos en los túmulos también apunta a un evento singular de construcción luego del enterramiento, como se describe en los relatos históricos. Asimismo, el hecho de que las tribus vecinas se juntaran alrededor de los montículos, formando un círculo, nos hace recordar a los muros circulares de los recintos que son un patrón regular en los sitios arqueológicos, así como la disposición semicircular de conjuntos de piedra que se encontró en el sector de la plaza, mirando al túmulo central del sitio SC-AG-12 (De Masi 2005). La orientación de los traba-



Fig. 7. Foto de la excavación en progreso del sector W del Círculo I.

jos en tierra y la avenida del sitio PM01 está posiblemente vinculada con la posición del entierro y podría relacionarse con observaciones astronómicas. Por último, pero no menos importante, la presencia de patrones duales en la arquitectura pública, como son la presencia de túmulos emparejados y los recintos circulares anexos más pequeños, pueden ser la representación material de la organización social dual de los grupos Jê (Maybury-Lewis 1974, 1979) (ver por ej.: sitios RS-PE 21, 31, SC-AG-12 y PM01). A pesar de estas similitudes, los complejos de recintos y túmulos Taquara/Itararé y las circunstancias en que surgieron son muy diferentes a las que fueron reportadas en los relatos históricos. Los complejos de recintos y montículos precolombinos son más grandes y elaborados que los registrados históricamente para los grupos Kaingang, los cuales fueron profundamente transformados por la colonización europea de la región.

DISCUSIÓN

Con la evidencia disponible, nosotros interpretamos la historia del sitio PM01 como un monumento funerario en donde posiblemente una persona importante de la comunidad, quizás un jefe renombrado, pudo haber sido sepultado bajo el túmulo central en un evento singular, lo cual fue seguido de múltiples actividades de festejo a lo largo de varias generaciones. Nuestra interpretación de los conjuntos de piedra difiere marcadamente de la realizada por Menghin (1957: 33), quien interpretó los conjuntos de piedra como una cerca sagrada que fue reemplazada posteriormente por el muro, sobre el cual se construyó una empalizada. Nosotros interpretamos los conjuntos de piedra como hornos de tierra. El tamaño y la forma discreta y compacta en que se presentan, la capa de carbón que aparece por debajo y entre ellos, la tierra quemada formando improntas de las piedras debajo de ellas, y la recuperación (aunque sea muy exigua) de huesos carbonizados asociados a los conjuntos de piedra, parecen ser el resultado de hornos de tierra para cocinar similares a los que han sido descritos para los grupos etnográficos Kaingang por Métraux (1946, ver también Ambrosetti 2006: 47). En este relato, Métraux (1946: 452-453) describe que «... los hornos de piedra sirven para cocinar pedazos grandes de carne, como por ejemplo, un tapir. Se realiza un agujero grande en el piso y se cubre



Fig. 8. Foto de un conjunto de piedras donde se puede visualizar claramente un fragmento de tronco quemado sobre el horno.

con piedras. Se realiza un fuego en el agujero hasta que las piedras “ardan”. Se remueven las cenizas y las brasas, las piedras son tapadas con hojas, y la carne, la cual se envuelve de manera cuidadosa en hojas, se coloca dentro y luego se tapa con una capa gruesa de tierra. Doce horas más tarde la carne se puede sacar y está perfectamente cocida.» El hecho de cocinar carne por vapor en hornos de tierra también ha sido documentado en varios grupos Jê del centro de Brasil, incluyendo los Apinayé (Nimuendajú 1939: 95-96), los Kayapó (Dreyfus 1972: 26-27), los Mekranoti (Werner 1984: 104-105) y los Serente (Nimuendajú 1942: 34). Tanto Dreyfus (1972) como Nimuendajú (1942) nos relatan que cocinar por vapor con piedras se debe a la falta de vasijas grandes que sirvan para cocinar por hervor. Por ello, no debe llamar la atención que ninguna de las cerámicas recuperadas en el sitio sean apropiadas para cocinar por hervor. Asimismo, si bien no ocurre en todos los grupos Jê, el consumo de bebidas alcohólicas fermentadas está ampliamente reportado en los relatos históricos sobre los grupos Kaingang. Métraux (1946: 465) nos narra que el luto por la muerte de un jefe importante era seguido de un festival donde se tomaba cerveza, se bailaba y cantaba. Noelli (2000: 243) menciona el consumo de *kifé*, una bebida alcohólica fermentada elaborada a partir de maíz y miel por los Kaingang, en festejos colectivos profanos y la consumición de *kiki*, bebida fermentada a base de miel, durante la ceremonia anual de los muertos. Es importante destacar que el maíz es un ingrediente importante en varias de las comidas rituales de los grupos Jê, como los Suyá, para los cuales su maduración está asociada muy estrechamente con el comienzo del periodo ritual (Seeger 1981: 44). En conjunto, la evidencia cerámica, botánica y etnohistórica sugiere que las pequeñas vasijas recuperadas, asociadas a los hornos del sitio PM01, fueron utilizadas para tomar una bebida obtenida a partir del maíz. Los festejos con carne y maíz son un rasgo dominante de las sociedades Jê. Como notó Maybury-Lewis (1974: 42) para los Shavante: «Los Shavante, en común con otras tribus Gê, valoran la carne y el maíz como la base de todos los eventos ceremoniales.»

La gran plaza central, los numerosos hornos de tierra acumulados a través del tiempo y la cerámica asociada a los mismos, sugieren que un gran número de participan-

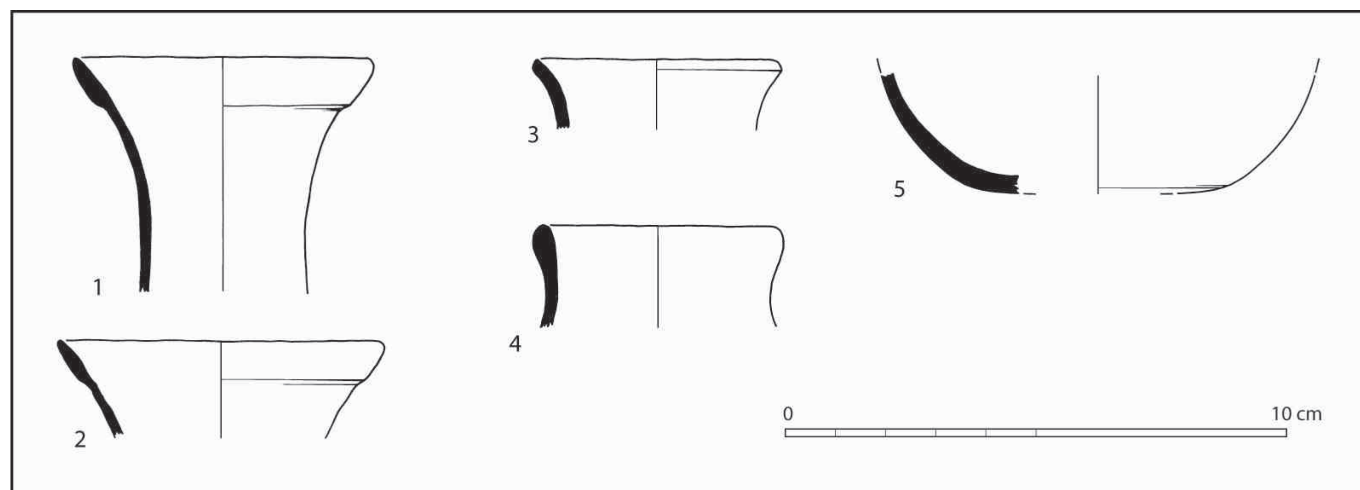


Fig. 9. Muestra de la forma reconstruida de las vasijas recuperadas en el sitio PM01.

tes se juntaban de manera regular en esta notable estructura ritual para realizar festines que, posiblemente, incluían el consumo de exquisiteces de carne y bebidas obtenidas del maíz asociadas a prácticas pos-funerarias. Parafraseando a Rebecca Saunders (2004), pareciera que el recinto circular de tierra del sitio PM01 representara «la consumición hecha conspicua». Estos conjuntos de recintos y túmulos eran lugares a donde la gente retornaba de manera periódica para hacer el luto a los muertos, en el marco de festejos que incluían danzas, comidas y bebidas. Estas celebraciones serían patrocinadas, probablemente, por los descendientes del linaje del jefe difunto que pudo haber sido enterrado en el túmulo central. El Círculo I, con su marcada orientación N-S a través de la avenida de entrada, pudo haber sido utilizado también como un observatorio para visualizar el movimiento del sol u otros cuerpos celestes como una manera de marcar los ciclos agrícolas o rituales. Para comprender mejor la aparición de esta tradición monumental, debemos echar una mirada panorámica a los procesos que estaban ocurriendo, a una escala geográfica amplia, en las tierras bajas de Sudamérica durante el Holoceno Tardío.

Durante este periodo, varias regiones de las tierras bajas de Sudamérica estaban experimentando un crecimiento demográfico, una integración regional, un marcado incremento en la actividad monumental, la aparición de asentamientos fortificados, el desarrollo de estilos cerámicos, así como migraciones y desplazamiento de grupos a lo largo de grandes distancias. El Holoceno Tardío también es un momento donde las sociedades de las tierras bajas sudamericanas comienzan a transformar el paisaje a una escala no vista anteriormente. Se construyeron campos elevados en las sabanas inundadas estacionalmente y comenzaron a aparecer *terras pretas*, asociadas posiblemente a la agricultura intensiva, en las terrazas de los ríos de la cuenca amazónica y sus tributarios (ver por ej.: Denevan 2001, Iriarte 2007). Durante este periodo, la cuenca del Río de la Plata fue un gran pasaje que unió zonas de gran diversidad ecológica y complejidad cultural. Representó un enclave geográfico en donde las grandes tradiciones culturales de la región tropical, como los grupos Tupí-Guaraní (Brochado 1984, Noelli 1998, Prous 1992), los Arawak-Ribereños Plásticos (Nordenskiöld 1930, Métraux 1934) y los Jê meridionales (Noelli 2000) convergieron e interactuaron. Estos grupos arribaron a la región por los menos a partir del año 1 A. D. y se establecieron de manera permanente, luego de 1000 A. D., a lo largo de las áreas con bosque de los grandes ríos y en el altiplano sur brasileño. En otras áreas, la evidencia arqueológica indica que, por lo menos en 1000 A. D., los grupos estaban organizados regionalmente, se habían vuelto más territoriales, adoptando formas de producción de alimentos más intensivas, y la construcción de monumentos había llegado a su cima. Los ejemplos de estos procesos incluyen las aldeas circulares (Wüst y Barreto 1999) y la Tradición Sapucaí/Aratu (Prous 1999) del centro de Brasil, la tradición cerámica Pantanal (Schmitz *et al.* 1998), las aldeas de túmulos del periodo medio y tardío de las llanuras chaco-santiagueñas (Ottonello y Lorandi 1987) y los Constructores de Cerritos del sureste de Brasil y Uruguay (López 2001, Criado *et al.* 2006, Iriarte 2006).

Resulta interesante destacar que fue en este momento de mayor interacción entre estas diferentes tradiciones culturales, cuando surgieron los complejos de recintos y túmulos Taquara/Itararé. La aparición de esta tradición monumental y la elaboración de la conducta ceremonial representan un signo elocuente de las necesidades sociales de las comunidades, cuyos territorios y contactos se estaban incrementando. El patrón que detectó Kossok (1974, en Dillehay 1995: 285) en varias culturas, el cual muestra que los monumentos funerarios como «tumbas en exhibición» tienden a ser construidas en tiempos de contacto cultural intenso o periodos de cambio militar,

social o político, parece reflejar los procesos que estaban teniendo lugar en el sureste de Sudamérica. Los festejos rituales tienen a menudo un rol social, económico y político significativo. Pueden servir para promover la integración y cohesión social (por ej.: Dillehay 2004), pero también pueden fomentar la exclusión, la apropiación y la desigualdad (Dietler 2001). Estos centros ceremoniales representaron espacios sagrados designados de manera permanente, los cuales deben de haber jugado un rol fundamental en la estabilidad social y territorial de los grupos Taquara/Itararé. Los encuentros pos-funerarios asociados con festines, que tuvieron lugar en el sitio PM01 y otros sitios ceremoniales Taquara/Itararé, fueron posiblemente eventos políticos que, a escala geográfica regional, pudieron haber servido para promocionar la solidaridad entre las aldeas y la dependencia militar entre los Taquara/Itararé, en un momento donde se daría un incremento en el contacto entre los diferentes grupos. Estos sitios de carácter ritual también pudieron haber funcionado como lugares neutrales para resolver los conflictos, promover la reciprocidad y forjar alianzas entre distintos grupos.

CONCLUSIÓN

Algunas de las construcciones en tierra Taquara/Itararé son lugares ceremoniales donde fueron enterrados líderes importantes y, posteriormente, se sucedió en ellos una competencia por el cargo de la jefatura, protagonizada por los actores sociales con aspiraciones de poder (Kertzer 1988). El registro etnohistórico Kaingang ha ilustrado nuestra interpretación. Como aprecia Dillehay (1995: 285) para los grupos Mapuche del sur de Chile y otros casos etnográficos, el entierro de un jefe y sus prácticas funerarias asociadas son eventos en donde tiene lugar la sucesión de los cargos políticos, se establece un nuevo líder y el líder difunto es transformado en un ancestro auténtico. Estos son los momentos en que se legitima y consolida la autoridad de los jefes, se mantienen las viejas alianzas y se construyen otras nuevas. Sin lugar a dudas, a medida que obtengamos más información sobre la arqueología de la cuenca del Río de la Plata y su litoral adyacente, podremos apreciar cómo la elaboración de los diferentes rasgos de los complejos de recintos y túmulos Taquara/Itararé está relacionada con cambios sociopolíticos más sutiles. Por ejemplo, ¿qué factores influyeron en la variabilidad en tamaño y patrón de los recintos y túmulos?, ¿cuáles son los usos y la historia de construcción de los recintos circulares que no poseen túmulos centrales o avenidas de entrada?, ¿qué representan los túmulos que contienen varios enterramientos? De manera similar, ¿qué determinó la cantidad de túmulos que fueron construidos en áreas particulares del altiplano?, ¿de qué manera los patrones de asentamiento se relacionan con la arquitectura monumental en las diferentes áreas del altiplano? Los futuros trabajos a nivel regional nos ayudarán a clarificar lo que hoy es un panorama bastante complicado de variabilidad de los asentamientos, lo cual nos permitirá entender con más precisión el rol que el sitio PM01 jugó en la aparición de las sociedades del Formativo Temprano de la región y, por extensión, el rol que los monumentos jugaron en este tipo de sociedad que estaba sufriendo transiciones similares mas allá de Sudamérica.

Agradecimientos

Queremos agradecer a la Dirección General de Patrimonio Cultural y Museos del Gobierno de la Provincia de Misiones, en particular a Ruth Poujade y Julia Argentina Perié, el habernos facilitado los permisos para llevar a cabo las investigaciones en Eldorado (Misiones). La investigación en el sitio PM01 fue financiada por el *National Geographic Committee for Research and Exploration* (CRE 7853-05) y el *University of Exeter Exploration Fund*. También recibimos apoyo del Departamento de Cultura de la Municipalidad de Eldorado, la cual nos proveyó durante 2006-2008 de alojamiento, logística y una calurosa hospitalidad. También queremos agradecer a Tom Dillehay y Fernando Santos Granero sus comentarios a las versiones previas de este manuscrito. Asimismo, deseamos expresar nuestro agradecimiento a las numerosas personas que colaboraron en las diferentes etapas de este proyecto. La guía del Dr. Jorge Rodríguez y el entusiasmo de José Gerardi fueron invalorables en las etapas iniciales de este proyecto. En Eldorado, queremos dar las gracias de manera especial a Juan Ernesto Aumer, Paola Bacalini, Margarita Kummerer, Román Ríos, Eduardo Stirnemann y Pamela Cooper de Colcombet. También queremos mostrar nuestro agradecimiento a Jorge Saucedo, quien realizó el mapa topográfico del sitio. Por último, pero no menos importante, deseamos agradecer a los estudiantes de la Universidad Nacional de Misiones (Argentina), la *Universidade Federal de Rio Grande do Sul* (Brasil) y la *University of Exeter* (Inglaterra, Reino Unido) su participación en los trabajos de campo.

Sobre los autores

José Iriarte (J.Iriarte@exeter.ac.uk) es Senior Lecturer *en el Departamento de Arqueología de la Universidad de Exeter, Reino Unido. Como arqueólogo y paleobotánico, sus principales intereses de investigación son*

la domesticación de plantas, la difusión temprana de la agricultura, el legado actual del impacto humano del pasado en los trópicos americanos y la aparición de las sociedades del Formativo en América. Iriarte es egresado de la licenciatura en Antropología en la Universidad de la República, Uruguay, y realizó su doctorado en la Universidad de Kentucky, Estados Unidos.

Oscar Marozzi es egresado de la licenciatura en Antropología en la Universidad de la República, Uruguay. Actualmente, es integrante del Laboratorio de Arqueología del Paisaje y Patrimonio del Uruguay. Con más de 15 años de extensa experiencia de campo trabajando en equipos internacionales interdisciplinarios en Uruguay, México, Brasil y Argentina, los intereses de investigación de Marozzi se centran en la aparición de la sociedades de rango medio, el análisis lítico y la aplicación del SIG y los modelos cartográficos.

Christopher Gillam trabaja como arqueólogo y especialista en SIG en el Instituto de Arqueología y Antropología de la Universidad de Carolina del Sur. Obtuvo su maestría en el Departamento de Antropología de la Universidad de Arkansas. Sus intereses de investigación incluyen los cazadores-recolectores precolombinos, el desarrollo de la complejidad cultural, el estudio de los sistemas de asentamiento e intercambio, el análisis lítico y las aplicaciones del SIG y los modelos cartográficos.

REFERENCIAS

Ambrosetti, J. B. 2006. *Os Indios Kaingang de San Pedro (Missiones)*. Campinas, SP, Brasil: Editora Curt Nimuendajú.

Baldus, H. 1937. *Ensaios de etnologia brasileira*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional.

Barrett, J. 1996. The Living, the Dead and the Ancestors: Neolithic and Early Bronze Age Mortuary Practices. En *Contemporary Archaeology in Theory*, eds. R. Preucel & I. Hodder, pp. 394-412. London: Blackwell.

Bradley, R. 1998. *The Significance of Monuments on the Shaping of Human Experience in Neolithic and Bronze Age Europe*. London: Routledge.

Beber, M. V. 2005. O sistema do assentamento dos grupos ceramistas do planalto sul-brasilero: o caso da Tradição Taquara/Itararé. En *Arqueologia no Rio Grande do Sul, Brasil*. *Documentos* 10: 5-125. São Leopoldo, Brasil: Instituto Anchietano de Pesquisas, UNISINOS.

Beck, L. 1995. *Regional Approaches to Mortuary Analysis*. London: Plenum Press.

Becker, I. I. 1976. *O Índio Kaingang no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Bitencourt, A. L. y P. M. Krauspenhar. 2006. Possible prehistoric anthropogenic effect on Araucaria angustifolia (Bert.) O. Kuntze expansion during the Late Holocene. *Revista Brasileira de Paleontologia* 9: 15-26.

Brochado, J. P. 1984. *An ecological model for the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. Tesis doctoral inédita. Urbana: University of Illinois.

Carr, C. y T. Case. 2005. *Gathering Hopewell: Society, Ritual and Ritual Interaction*. New York: Springer.

Chmyz, I., E. Bora, R. Santos Ceccon, M. E. Sganzerla y J. E. Volcov. 2003. A arqueologia da área do aterro Sanitário da região metropolitana de Curitiba, em Mandirituba, Paraná. *Arqueologia* 2: 1-138. Curitiba, Brasil: Universidade Federal do Parana.

Chmyz, I. y Z. C. Sauner. 1971. Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas no vale do rio Piquiri. *Dédalo* 13: 7-36.

Copé, S. M. 2007. El uso de la arquitectura como artefacto en el estudio de paisajes arqueológicos del altiplano sur brasileño, Rio Grande do Sul. *Revista de Arqueologia* 2: 15-34.

Copé, S. M. y J. D. Saldanha. 2002. Em busca de um Sistema de Assentamento para o Planalto Sul-Rio-Grandense: Escavações no Sítio RS-AN-03, Bom Jesus, RS. *Pesquisas Antropologia* 58: 107-120. São Leopoldo, Brasil: Instituto Anchietano de Pesquisas, UNISINOS.

Criado, F., C. Gianotti y P. Manana. 2006. Before the barrows: Forms of monumentality and Forms of complexity in Iberia and Uruguay. En *Archaeology of Burial Mounds*, ed. L. Šmejda, pp. 38-51. Vlasta Králová: Plzen.

De Masi, M. A.

— 1999. *Mobility of prehistoric hunter-gatherers in the southern Brazilian coast. Santa Catarina Island*. Tesis doctoral inédita. Departamento de Antropología, Stanford University.

— 2005. *Relatório Final. Projeto de Salvamento Arqueológico Usina Hidrelétrica de Campos Novos*. Florianópolis, Brasil.

— 2006. *Xokleng 2869 a. C. As Terras Altas do Sul do Brasil*. Tubarão: Editora Unisul.

— 2007. Análise de isotopos estáveis de 13/12C e 15/14N em resíduos de incrustações carbonizadas de fundo de recipientes cerâmicos das Terras Altas do Sul do Brasil. En *Anais do XIV Congresso da SAB*. CD-ROM.

— 2009. Centros cerimoniais do Planalto Meridonal: uma análise intrasítio. *Revista de Arqueologia* 22: 99-113.

De Souza, J. G. 2007. Significados da morte: interpretando as estruturas funerárias de Pinhal da Serra (RS) e Anita Garibaldi (SC). En *Anais do XIV Congresso da SAB*. CD-ROM.

Denevan, W. M. 2001. *Cultivated Landscapes of Native Amazonia and the Andes*. Oxford: Oxford University Press.

Dietler, M. 2001. Theorizing the feast. Rituals of con-

sumption, comensal politics, and power in African contexts. En *Feasts. Archaeological and Ethnographic Perspectives on Food, Politics and Power*, eds. M. Dietler y B. Hayden, pp. 65-114. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press.

Dillehay, T. D.

— 1995. Mounds of the social death: Araucanian funerary rites and political succession. En *Tombs for the Living: Andean mortuary practices*, ed. T. Dillehay, pp. 281-313. Washington, D.C.: Dumbarton Oaks.

— 2004. Social landscape and ritual pause. Uncertainty and integration in formative Peru. *Journal of Social Archaeology* 4: 239-268.

— 2007. *Monuments, Resistance and Empires in the Andes: Araucanian ritual narratives and polity*. Cambridge: Cambridge University Press.

Dreyfus, S. 1972. *Los Kayapo del Norte de Brasil*. México: Instituto Indigenista Interamericano.

Fleming, A. 1973. Tombs for the living. *Man* 8: 177-193.

Iriarte, J.

— 2006. Landscape transformation, mounded villages, and adopted cultigens: the rise of early Formative communities in south-eastern Uruguay. *World Archaeology* 38: 644-663.

— 2007. New perspectives on plant domestication and the spread of agriculture in the Americas. En *Rethinking Agriculture: archaeological and ethnoarchaeological perspectives*, eds. T. Denham, J. Iriarte & L. Vrydaghs, pp. 165-186. One World Archaeology Series 51. Walnut Creek, California: Left Coast Press.

— s. f. *Phytolith analysis of ceramic sherds' residues from site PM01, Eldorado, Misiones*. Manuscript on File. Archaeobotany Laboratory, Department of Archaeology, University of Exeter.

Iriarte, J. y H. Behling. 2007. The expansion of Araucaria forest in the southern Brazilian highlands during the last 4000 years and its implications for the development of the Taquara/Itararé Tradition. *Environmental Archaeology* 12: 115-127.

Iriarte, J., O. Marozzi y C. Gillan. 2007. *Rivers of Encounters: the cultural and environmental history of the Parana River. Project report of survey and excavations at the El Dorado enclosure complex, Misiones, Argentina*. Submitted to Committee for Research and Exploration. National Geographic Society.

Iriarte, J., C. Gillan y O. Marozzi. 2008. Monumental burials and memorial feasting: a case from the southern Brazilian highlands. *Antiquity* 318: 947-961.

Kertzer, D. I. 1988. *Ritual, Politics, and Power*. New Heaven: Yale University Press.

López, J. M. 2001. Las estructuras tubulares (cerritos) del litoral atlántico uruguayo. *Latin American Antiquity* 12: 231-255.

Mabilde, P. F. 1983. *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos matos da província do Rio Grande do Sul*. São Paulo/Brasília: IBRASA/INL/ Fundação Nacional Pró-Memória.

Maniser, H. H. 1930. Les Kaingang de São Paulo. En *Proceedings of the 23rd International Congress of Americanists* (New York, 1928), pp. 760-791.

Marrero, A. R., W. A. Silva-Junior, C. M. Bravi, M. H. Hutz, M. L. Petzl-Erler, A. Ruiz-Linares, F. M. Salzano y M. C. Bortolini. 2007. Demographic and Evolutionary Trajectories of the Guarani and Kaingang Natives of Brazil. *American Journal of Physical Anthropology* 132: 301-310.

Maybury-Lewis, D.

— 1974. *Akwe-Shavante Society*. New York: Oxford University Press.

— 1979. *Dialectical Societies: The Gê and Bororo of Central Brazil*. Cambridge: Harvard University Press.

Menghin, O. F. 1957. El poblamiento prehistórico de Misiones. *Anales de Arqueología y Etnología* XII: 19-40. Mendoza.

Métraux, A.

— 1934. El estado actual de nuestros conocimientos sobre la extensión primitiva de la influencia guaraní y arawak en el continente sudamericano. En *Actas y trabajos científicos del XXV Congreso Internacional de Americanistas (La Plata, 1925)*, pp. 181-190. Buenos Aires, Argentina.

— 1946. The Caingang. En *Handbook of South American Indians, vol. 1, The marginal tribes*, ed. J. H. Steward, pp. 445-477. Washington. D.C.: Smithsonian Institution.

Nimuendajú, C.

— 1939. *The Apinayé*. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press.

— 1942. *The Serente*. Los Angeles: The Southwest Museum.

Noelli, F.

— 1998. The Tupi: explaining origin and expansions in terms of archaeology and of historical linguistics. *Antiquity* 277: 648-663.

— 2000. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas. *Revista USP* 44: 218-269. São Paulo: Universidade de São Paulo.

— 2005. Rethinking stereotypes and the history of research on Jê populations in South Brazil. En *Global Archaeological Theory. Contextual Voices and Contemporary Thoughts*, eds. P. Funari, A. Zarankin & E. Stovel, pp. 166-190. New York: Springer.

Nordenskiöld, E. 1930. *Ars Americana. L'archéologie du bassin de l'Amazone*. París.

Ottonello, M. y A. M. Lorandi. 1987. *Introducción a la Arqueología y Etnología*. Buenos Aires: EUDEBA.

Paula, J. M. 1924. Memória sobre os Botocudos de Paraná

e Santa Catarina organizada pelo Serviço de Proteção dos Selvícolas. En *Anais do 200 Congresso Internacional de Americanistas*, vol. 1, pp. 117-137. Rio de Janeiro.

Prous, A.

— 1992. *Arqueologia Brasileira*. Brasilia: Editora da UNB.

— 1999. Agricultores de Minas Gerais. En *Pré-história da Terra Brasilis*, ed. M. C. Tenório, pp. 346-358. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Renfrew, C. 1973. *Before Civilization*. London: Jonathan Cape.

Rogge, J. H. 2005. Fenômenos de fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. *Pesquisas Antropologia* 62. São Leopoldo, Brasil: Instituto Anchietano de Pesquisas, UNISINOS.

Saldanha, J. D. M.

— 2005. *Paisagem, lugares e cultura material*. Tesis de maestría inédita. Porto Alegre: PUCRS.

— 2008. Paisagems e sepultamentos nas terras altas do sul do Brasil. *Revista de Arqueologia* 21: 85-95.

Saunders, R. 2004. Stratigraphy at the Rollins Shell Ring Site: implications for ring function. *The Florida Anthropologist* 57 (4): 249-270.

Schaden, F. 1958. Xokléng e Kaingang. *Revista de Antropologia* 6 (2): 105-112.

Schmitz, P.I. y I. I. Becker. 1991. Os primitivos engenheiros do planalto es suas estructuras subterrâneas: a Tradição Taquara. En *Arqueologia Pré-histórica do Rio Grande do Sul*, pp. 251-293. Porto Alegre: Mercado Aberto.

Schmitz, P. I., J. H. Rogge, A. O. Rosa y M. V. Beber. 1998. Aterros indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul. *Pesquisas Antropologia* 58. São Leopoldo, Brasil: Instituto Anchietano de Pesquisas, UNISINOS

Seeger, A. 1981. *Nature and Society in Central Brazil. The Suya Indians of Mato Grosso*. Cambridge: Harvard University Press.

Silva. B. 2001. *Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang*. Tesis doctoral inédita. Universidade de São Paulo, Brasil.

Urban, G. 1992. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. En *História dos Indios no Brasil*, ed. M. Carneiro da Cunha, pp. 87-102. São Paulo: Companhia das Letras.

Veiga, J.

— 2000. A retomada da festa do Kikikoi no P. I. Xapecó e a relação desse ritual com os mitos Kaingang. En *Uri e Wãxi: estudos interdisciplinares dos Kaingang*, eds. L. T. Motta *et al*., pp. 261-292. Londrina, Brasil: EUL.

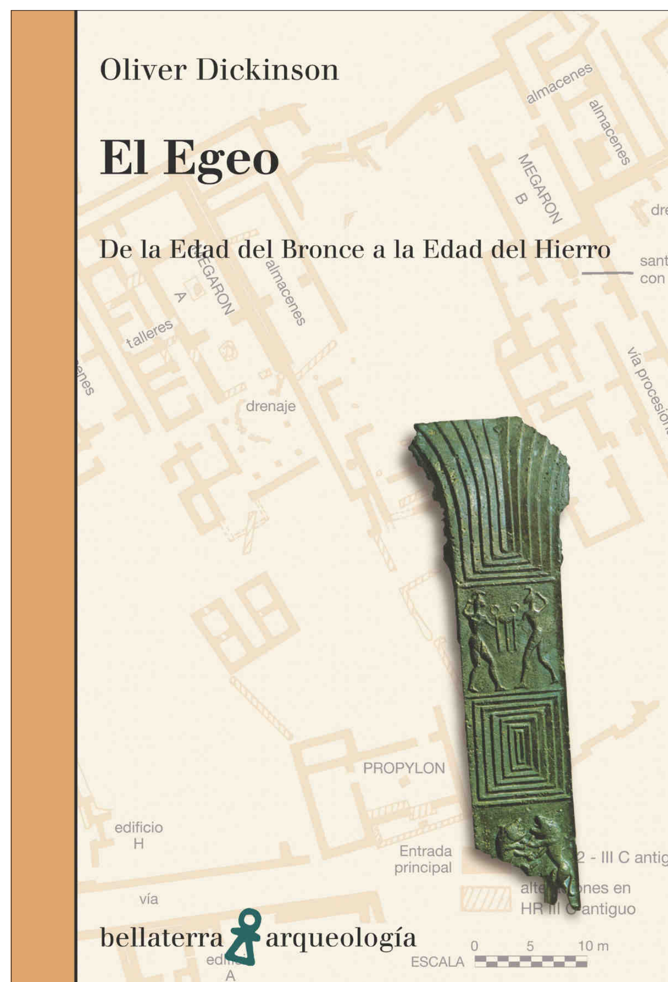
— 2006. *Aspectos Fundamentais da Cultura Kaingang*. Campinas: Editora Curt Nimuendajú.

Wachnitz, G. A. 1984. *Prehistoria Altoparanaense Preguaraní*. Misiones, Argentina: Imprenta Seyfried.

Werner, D. 1984. *Amazon Journey. An anthropologist's year among Brazil's Mekranoti Indians*. New York: Simon & Schuster.

Wüst, I. y C. Barreto. 1999. The ring villages of Central Brazil. A challenge for Amazonian archaeology. *Latin American Antiquity* 10 (1): 3-23.

NUEVOS LIBROS • NEW BOOKS • www.laiesken.net/arqueologia/



EL EGEO. DE LA EDAD DEL BRONCE A LA EDAD DEL HIERRO

OLIVER DICKINSON, *El Egeo. De la Edad del Bronce a la Edad del Hierro*, trad. española de M.ª José Aubet, Barcelona, Ed. Bellaterra, 2010, 362 pp., 15,5 x 23,5 cm, rústica con solapas, ISBN 978-84-7290-488-0, PVP: 22 euros.

EL PRESENTE VOLUMEN ES UNA SÍNTESIS ACTUALIZADA DEL período que transcurre entre el colapso de la civilización del Bronce (siglos XIII y XII a. C.) y los grandes avances hacia la civilización griega del siglo VIII a. C.

El autor se aleja de anticuadas teorías que atribuyen indebidamente a Atenas el mérito del desarrollo de la civilización griega, y presenta un análisis innovador de la evidencia material y arqueológica más reciente, en el que defiende con argumentos precisos que muchas características de la antigua Grecia se desarrollaron en la Edad Oscura.

En el presente texto se abordan en capítulos temáticos muy asequibles la estructura y la economía de las comunidades del Hierro antiguo, sus técnicas, usos funerarios, contactos externos, comercio y religión. Como especialista en el tema, el autor analiza la relevancia de Homero para comprender las razones del colapso del Bronce que dieron origen a la Edad Oscura, los procesos que hicieron posible el paso de la Edad Oscura a la civilización griega, y el grado de continuidad entre la Edad Oscura y las etapas posteriores.

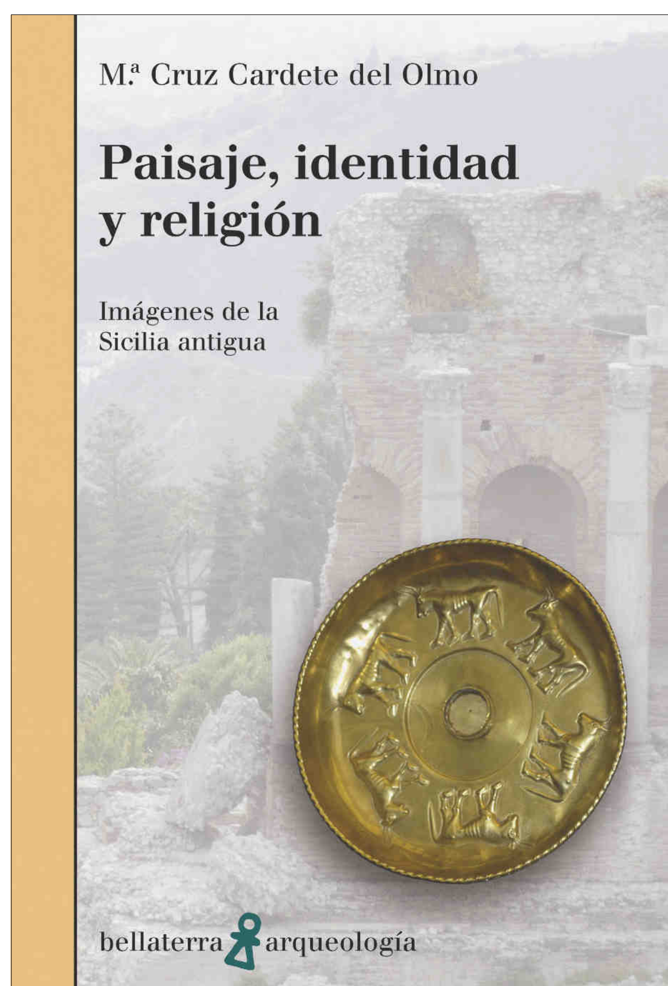
Este libro es una lectura fundamental para estudiosos y especialistas, y para los lectores interesados en general.

OLIVER DICKINSON fue profesor en la Universidad de Durham entre 1976 y 2005, año en que lo nombraron profesor emérito del Departamento de Historia Antigua y Clásica de dicha universidad. Es un especialista en la prehistoria griega, sobre todo en la civilización micénica, el período de transición de la Edad del Bronce a la Edad del Hierro y el legado arqueológico y social de los poemas homéricos.

PAISAJE, IDENTIDAD Y RELIGIÓN. IMÁGENES DE LA SICILIA ANTIGUA

M.ª CRUZ CARDETE DEL OLMO, *Paisaje, identidad y religión. Imágenes de la Sicilia antigua*, Barcelona, Ed. Bellaterra, 2010, 224 pp., 15,5 x 23,5 cm, rústica con solapas, ISBN 978-84-7290-500-9, PVP: 15 euros.

SICILIA ES TIERRA DE MITOS, DE IMÁGENES VÍVIDAS Y LUMINOSAS que calan en el público y encuentran refugio en él. Muchos de sus tópicos se remontan a la Antigüedad, cuando griegos, cartagineses y romanos descubrieron las múltiples posibilidades de la isla y decidieron explotarlas. Otros se han ido perfilando con el correr del tiempo, pero todos han contribuido a convertir un territorio en cientos de paisajes mentales, en formas de ver y entender el mundo que han funcionado y continúan funcionando como referentes sociales. Cada sociedad crea los suyos, cada momento los adapta y reconstruye a su antojo y analizarlos es un sano ejercicio de deconstrucción que revela la contingencia de la imagen, la perennidad y volubilidad



del paisaje, esa realidad permeable y absolutamente cultural que tiene menos que ver con los procesos geológicos que con las premisas sociales.

Este libro se compone de imágenes históricas que, aunque han conseguido visibilizar el pasado, han oscurecido su construcción. Parte de grandes figuras: Fálaris y Terón de Agrigento, Gelón e Hierón de Siracusa, Ducetio, Nicias, Hermócrates y Alcibíades, iconos del pasado siciliota para, desde ellas, alcanzar los contextos que les otorgan significado histórico. Las imágenes estáticas son necesarias como recordatorio, pero es en el análisis de la movilidad, de las imágenes dinámicas y cambiantes insertas en sus contextos, donde los procesos de construcción del paisaje adquieren significados profundos.

M.ª Cruz Cardete del Olmo es profesora de Historia Antigua en la Universidad Complutense de Madrid. Especializada en la construcción y utilización ideológica de paisajes mentales en la Grecia antigua, con especial atención a los aspectos identitarios y religiosos, ha dirigido dos proyectos de investigación sobre los paisajes identitarios y religiosos de la Sicilia antigua. Entre sus publicaciones destacan: *Paisajes mentales y religiosos: la frontera suroeste arcadia en épocas arcaica y clásica* (Oxford, 2005) y, como editora, *La Antigüedad y sus mitos. Narraciones históricas irreverentes* (Madrid, 2009) y, junto a S. Montero, *Religión y silencio. El silencio en las religiones antiguas* (Madrid, 2007) y *Naturaleza y religión en el mundo clásico. Usos y abusos del medio natural* (Madrid, 2010).

NORMAS EDITORIALES

1. *ARQUEOLOGIA IBEROAMERICANA* es una revista científica arbitrada, internacional e independiente, de acceso abierto, dedicada al estudio arqueológico de las sociedades prehistóricas, protohistóricas, antiguas e históricas de Iberoamérica, Estados Unidos, la Península Ibérica, las Filipinas y otros países ibéricos. Su objetivo primordial es servir a la comunidad investigadora con la máxima calidad y rapidez y sin fin de lucro alguno.
2. Publica *trimestralmente* (4 números al año), a través de Internet, artículos de investigación y monografías sobre la arqueología de los pueblos americanos, ibéricos y filipinos.
3. Español, inglés y portugués son las lenguas principales de la revista sin menoscabo de alguna otra que pueda incluirse.
4. Los autores cuyo manuscrito haya sido aprobado por el *Consejo Asesor Editorial* serán invitados a efectuar un donativo voluntario destinado a costear mínimamente la publicación y la difusión gratuita de su artículo, convirtiéndose así en patrocinadores de la revista. No existe obligatoriedad y el manuscrito se publicará igualmente aunque declinen la donación.
5. Los autores deberían garantizar la corrección ortográfica, gramatical y literaria de sus textos, especialmente cuando se empleen las lenguas inglesa y portuguesa. De todas formas, el editor efectuará la revisión de los escritos en lengua española según la normativa de la Real Academia Española, consultando también a asesores, editores ayudantes y ayudantes editoriales para corregir los textos en inglés de las colaboraciones.
6. La revista se imprime en *formato electrónico PDF*, asegurando de este modo una completa fidelidad visual a la impresión clásica y agilizando enormemente todo el proceso de publicación.
7. La revista podrá especializarse mediante secciones fijas dentro de un mismo número y monografías en volúmenes independientes.
8. El *Consejo Asesor Editorial*, órgano consultivo autónomo integrado por autoridades académicas de reconocido prestigio, velará por la excelencia científica de la revista, examinando con objetividad la idoneidad de los trabajos remitidos para su publicación a través de una política de revisión paritaria mediante dos evaluadores externos para cada caso, dictaminando justificadamente sobre su aceptación, revisión o rechazo en función de la calidad de los mismos.
9. Todas las colaboraciones deberán ser originales inéditos y estar escritas en formato digital estándar (Word, OpenOffice, RTF, TXT).
10. No hay limitaciones de extensión de los trabajos salvo casos extremos.
11. *Normas de Estilo*:
    Nunca deben usarse **negritas** ni subrayados en las citas bibliográficas, ni MAYÚSCULAS para escribir nombres de autores o títulos de obras. Sólo se aceptarán VERSALITAS para los nombres de autores.
    Para enfatizar una palabra o una frase, empléense cursivas y entrecomillado español («») para los textos redactados en ese idioma, o inglés (“”) para los demás. Para enmarcar dentro del entrecomillado, úsense comillas simples (‘’) para manuscritos ingleses o portugueses y las comillas voladas en el caso de los españoles. Hágase constar el año de la publicación tras el autor, separado por un punto y un espacio. Cuando los autores sean tres o más, refiérase a los mismos citando al primero de ellos seguido de la expresión *et al*. También se aconseja emplear *íd.* (el mismo autor) e *ibíd.* (allí mismo, en la misma referencia) u *ob. cit.* para evitar repeticiones superfluas.
    Recomendamos se incluyan las citas bibliográficas intercalándolas en el texto entre paréntesis (Autor año: página(s)), destinando las notas a pie de página a otros menesteres como mayor abundamiento sobre la cuestión tratada. Siguiendo esta pauta, la bibliografía aparecerá listada al final del trabajo, ordenada alfabéticamente por autores y cronológicamente, de menos a más reciente, cuando correspondan a una misma autoría.
    Se ruega revisar la accesibilidad en tiempo real de todos los hipervínculos listados en la bibliografía o en las notas a pie de página.
12. Los trabajos se remitirán por correo electrónico como documentos adjuntos para acelerar el proceso de edición.
13. Las *ilustraciones*, *tablas estadísticas* y *cuadros*, citados correlativamente a lo largo del texto, deberán adjuntarse en formato digital JPEG (o bien en TIFF o BMP cuando ocupen poco espacio), guardando justa proporción entre resolución y tamaño para aceptar su calidad. Serán originales y, si proceden de otras publicaciones, se citará su fuente. Asimismo, irán acompañadas de una lista donde conste la numeración y sus respectivas leyendas (pies de figuras).
14. Los autores deben incluir un *resumen* de su colaboración con una extensión limitada a unas diez líneas. Se redactará en dos lenguas por lo menos: la empleada en la colaboración (español o portugués) y la versión inglesa. También se permite añadir *palabras clave* definitorias del contenido del artículo hasta un máximo de cinco.
15. Igualmente, adjuntarán un *curriculum* breve sobre su trayectoria profesional donde deberían figurar los si-

guientes datos: año y lugar de nacimiento, grados académicos (universidad, año), docencia, investigación, publicaciones principales, especialidades, institución a la que pertenecen y cargo que desempeñan actualmente en la misma.

16. Se enviarán pruebas de imprenta a los autores antes de su publicación, pero sólo se aceptarán correcciones menores de las mismas que deberán notificarse lo antes posible.
17. Esta publicación se distribuye gratuitamente a través de Internet para alcanzar una máxima difusión. Sin embargo, su uso es estrictamente personal y no puede redistribuirse sin permiso escrito de su editor. El incumplimiento de esta norma, ya sea sin ánimo de lucro o con fines comerciales, será severamente perseguido por la Ley.
18. Acerca de la *Propiedad Intelectual* y los *Derechos de Autor*, en virtud de los arts. 1 y 8 del Real Decreto Legislativo 1/1996, de 12 de abril, por el que se aprueba el texto refundido de la Ley de Propiedad Intelectual (BOE núm. 97 de 22-04-1996), si bien la propiedad intelectual de los artículos pertenece a los autores, los derechos de edición y publicación de esta obra colectiva corresponden al editor de la revista.
19. *Fechas de publicación (2010)*: 31 de marzo (número 5), 30 de junio (número 6), 30 de septiembre (número 7) y 31 de diciembre (número 8).
20. *Fechas límite* para la recepción de originales: 31 de agosto de 2010 (número 7), 30 de noviembre de 2010 (número 8), 28 de febrero de 2011 (número 9), 31 de mayo de 2011 (número 10).
21. Enviar originales y correspondencia por vía electrónica a Dr. Pascual Izquierdo Egea, Editor y Director de *ARQUEOLOGIA IBEROAMERICANA*: <http://www.laiesken.net/arqueologia/contacto/>.

NORMS OF PUBLICATION

1. *ARQUEOLOGIA IBEROAMERICANA* is a peer-reviewed, open access international scientific journal, devoted to the archaeological study of prehistoric, protohistoric, ancient and historical societies of Latin America, the United States, the Iberian Peninsula, the Philippines and other Iberian countries.
2. It is published online four times a year in PDF electronic format and contains research and theoretical articles on the archaeology of the American, Iberian and Filipino peoples.
3. Spanish, English and Portuguese are the primary languages.
4. Authors whose manuscript has been approved by the *Editorial Advisory Board* are encouraged to make a voluntary donation toward the cost of publishing their article through the open access format, and will thus become sponsors of the journal. Choosing not to make a donation will not negatively affect the manuscript publication.
5. *Scheduled dates for final publication*: March 31, 2010 (5th issue); June 30, 2010 (6th issue); September 30, 2010 (7th issue); December 31, 2010 (8th issue).
6. *Call for Papers* Deadline: August 31, 2010 (7th issue); November 30, 2010 (8th issue); February 28, 2011 (9th issue); May 31, 2011 (10th issue).
7. Manuscripts submitted cannot have been previously published in any form or language. Authors should send manuscripts, including illustrations (JPEG, TIFF or BMP) at the best possible resolution, in electronic format (Word, OpenOffice). They should also enclose a short curriculum vita and a brief abstract of their paper in English and Spanish, and keywords in both languages. All references should appear in the text or in footnotes as follows: (author year: page(s)).
8. There are no limitations for length except for extreme cases.
9. Tables should be sent as illustrations, i.e., in graphical format. Do not scan black and white images as if they were photographs.
10. Acceptance is not guaranteed. All papers must be peer-reviewed by the *Editorial Advisory Board*.
11. Digital proofs will be sent to authors a few weeks before their final publication, but only minor corrections will be accepted.
12. This publication is distributed freely over the Internet to achieve maximum dissemination, but use is strictly personal and papers cannot be redistributed without written permission from the publisher. Breach of this rule, for either nonprofit or commercial purposes, will be severely persecuted by the law.
13. Manuscripts and correspondence should be sent to the Editor of *ARQUEOLOGIA IBEROAMERICANA*: <http://www.laiesken.net/arqueologia/contact/>.

Acabóse de imprimir digitalmente
la sexta edición de la revista
ARQUEOLOGIA IBEROAMERICANA
el día 30 de junio del año 2010
en el taller del editor
Pascual Izquierdo Egea,
villa de Graus (España).